Sprint de Agosto

2025-08-09

Table of contents

Apresentação	O
Etapas realizadas	7
Etapas Tealizadas	1
CIDs	8
Hipertensão Arterial	8
Diabetes Mellitus - incluindo tipo 1 e tipo 2	8
Cardiopatia isquêmica	9
Insuficiência cardíaca (independente da fração de ejeção)	9
Doenças vascular cerebral	10
Doença renal crônica	10
Demência	10
Doença pulmonar obstrutiva crônica	11
Doença péptica	11
Neoplasias	11
	13
SIDA	14
Hipotireoidismo	14
•	14
	15
	15
3	15
	16
	16
	16
	17
•	17
	17
	17
	18
	18
	18
1	18
	19

Desnutrição		. 19
Deficiências motoras		. 19
Doenças dos olhos		. 20
Doenças dos ouvidos		. 20
Má formações		. 20
Doenças da pele		. 21
Duplicações de códigos entre condições		
Hipertensão arterial		22
Relevância		. 22
Carga global da hipertensão		. 22
Carga da hipertensão no Brasil		
Definição clínica		
Critérios diagnósticos em adultos		
Diagnóstico e Classificação da Hipertensão		
Principais diferenças		
Observações importantes		
Critérios de inclusão de pacientes		
Informações que devem ser visualizadas pelas ESFs		
Lacunas de cuidado para HAS		
Educação Médica Continuada		
Referências Bibliográficas		
Diabetes Mellitus		36
Relevância		. 36
Definição clínica		. 36
Critérios de inclusão de pacientes		. 36
Informações visualizadas		. 36
Educação Médica Continuada		. 36
Síndromes Coronarianas		37
Relevância		
Definição clínica		
Critérios de inclusão de pacientes		
Informações visualizadas		
informações visualizadas	• •	. 00
Insuficiência Cardíaca		40
Relevância		. 40
Definição clínica		
Critérios de inclusão de pacientes		
Checklist de Cuidado em Insuficiência Cardíaca na Atenção Primária à Saúde .		. 40
I - Diagnóstico e Estadiamento Inicial		
Avaliação Clínica Abrangente:		. 40

	II - Tratamento Não Farmacológico e Autocuidado
	III - Tratamento Farmacológico (para ICFEr - FEVE 40%, salvo indicação
	diferente)
	IV - Monitorização e Acompanhamento Contínuo
	V - Critérios de Encaminhamento para Atenção Especializada ou Emergência
т.	VI - Documentação e Registro
	ormações visualizadas
Ec	ucação Médica Continuada
Ooen	ça renal crônica
$R\epsilon$	levância
$D\epsilon$	finição clínica
Cr	itérios de inclusão de pacientes
In	ormações visualizadas
Ec	ucação Médica Continuada
/lulti	norbidade
	levância
	finição clínica
	itérios de inclusão de pacientes
	ormações visualizadas
	ucação Médica Continuada
Polifa	rmácia
$R\epsilon$	ferências
	finição clínica
	itérios de inclusão de pacientes
	ormações visualizadas
	ucação Médica Continuada
ragil	dade em idosos
_	levância
	finição clínica
	itérios de inclusão de pacientes
	ormações visualizadas
	ucação Médica Continuada

Pílulas para Insuficiência Cardíaca	63
Você sabe ajustar a dose de diurético dos pacientes com IC de forma segura?	63
Será que você não está deixando passar pacientes com IC?	63
Quais pacientes na sua lista têm maior risco de IC?	64
Você está usando betabloqueador de forma eficaz no seu paciente com IC?	64
Todo paciente com ICFEr deve usar IECA, e o seu?	65
Você sabe quando indicar espironolactona no paciente com IC?	65
Seu paciente com IC já está recebendo Dapagliflozina?	65
Você sabe diferenciar ICFEr de ICFEp?	66
ICFEp: quando desconfiar e o que fazer na APS	66
Você sabe reconhecer os perfis clínicos de IC descompensada (ABLC)?	67

Apresentação



Figure 1: Koudelka, 1968

Neste manuscrito compartilhamos as informações relevantes para a frente de trabalho das doenças crônicas no mês de agosto - $Sprint\ de\ Agosto$.

Cada capítulo é referente a uma frente de trabalho e compreende decisões referentes a critérios de inclusão de pacientes, dados de pacientes que serão visualizados, temas para educação médica continuada, bem como as propostas de visualização das informações.

Etapas

Etapas realizadas

- Relevância de cada problema
- Definição de critérios de inclusão
- Informações que devem ser visualizadas
- Temas de Educação Médica Continuada
- Pílulas
- informações sobre bolsa família, territórios sociais, cadunico que não recebe PBF ou cartão familia carioca.

CIDs

Aqui estão apenas as listas de CIDs usados nos códigos para identificação de casos. Não foram considerados outras regras aqui como exames laboratoriais, medidas de pressão arterial ou prescrição de medicamentos específicos. Estas informações estão nos capítulos específicos de cada morbidade.

Hipertensão Arterial

- I10 Hipertensão essencial (primária)
- I11 Doença cardíaca hipertensiva
- I12 Doença renal hipertensiva
- I13 Doença cardiorrenal hipertensiva
- I15 Hipertensão secundária
- I16 Crise hipertensiva
- O100 Hipertensão essencial pré-existente complicando a gravidez, parto e puerpério (O10.0)
- O104 Hipertensão secundária pré-existente complicando a gravidez, parto e puerpério (O10.4)
- O109 Hipertensão pré-existente não especificada complicando a gravidez, parto e puerpério (O10.9)
- O13 Hipertensão gestacional (induzida pela gravidez) sem proteinúria significativa
- R030 Leitura anormal de pressão arterial, sem diagnóstico de hipertensão

Diabetes Mellitus - incluindo tipo 1 e tipo 2

- E10 Diabetes mellitus insulino-dependente (Tipo 1)
- **E11** Diabetes mellitus não insulino-dependente (Tipo 2)
- E12 Diabetes mellitus relacionado à desnutrição
- E13 Outros diabetes mellitus especificados
- E14 Diabetes mellitus não especificado
- O24 Diabetes mellitus na gravidez, no parto e no puerpério

- **H360** Retinopatia diabética (H36.0)
- **H280** Catarata diabética (H28.0)
- G632 Polineuropatia diabética (G63.2)
- **G590** Mononeuropatia diabética (G59.0)
- **G990** Transtornos do sistema nervoso em doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (G99.0)
- N083 Nefropatia diabética (N08.3)
- M142 Artropatia diabética (M14.2)

Cardiopatia isquêmica

- I21 Infarto agudo do miocárdio
- I22 Infarto do miocárdio recorrente
- I252 Infarto antigo do miocárdio (I25.2)

Insuficiência cardíaca (independente da fração de ejeção)

- I110 Doença cardíaca hipertensiva com insuficiência cardíaca (I11.0)
- I130 Doença cardiorrenal hipertensiva com insuficiência cardíaca (I13.0)
- I132 Doença cardiorrenal hipertensiva com insuficiência cardíaca e renal (I13.2)
- **I255** Miocardiopatia isquêmica (I25.5)
- I420 Miocardiopatia dilatada (I42.0)
- **I425** Miocardiopatia alcoólica (I42.6 / I42.7 em algumas edições aqui listado conforme padrão usado)
- I426 Miocardiopatia devido a drogas e outros agentes externos (I42.7)
- I427 Miocardiopatia devido a doenças endócrinas (I42.8)
- I428 Outras miocardiopatias (I42.8)
- I429 Miocardiopatia não especificada (I42.9)
- I43 Miocardiopatia em doenças classificadas em outra parte
- I50 Insuficiência cardíaca
- **P290** Insuficiência cardíaca neonatal (P29.0)

Doenças vascular cerebral

- **I60 a I69** doenças cerebrovasculares)
- G45 Acidentes isquêmicos transitórios e síndromes correlatas
- G46 Síndromes vasculares do encéfalo em doenças cerebrovasculares
- H340 Oclusão arterial retiniana (H34.0)

Doença renal crônica

- I120 Doença renal hipertensiva com insuficiência renal (I12.0)
- I131 Doença cardiorrenal hipertensiva com insuficiência renal (I13.1)
- N032|N033|N034|N035|N036|N037 Glomerulonefrites crônicas (com diferentes achados histológicos)
- N052|N053|N054|N055|N056|N057 Síndrome nefrótica (variantes histológicas)
- N18 Doença renal crônica
- N19 Insuficiência renal não especificada
- N250 Osteodistrofia renal
- \bullet **Z490**|**Z491**|**Z492** Atendimentos para diálise/hemodiálise/peritoneal
- **Z940** Rim transplantado
- **Z992** Dependência de diálise

Demência

- F00 Demência na doença de Alzheimer
- F01 Demência vascular
- F02 Demência em outras doenças classificadas em outra parte
- F03 Demência não especificada
- **F051** Delirium superposto a demência (F05.1)
- G30 Doença de Alzheimer
- G310 Atrofia cortical circunscrita (G31.0)
- G311 Degeneração corticobasal / outras degenerações frontotemporais (G31.1)

Doença pulmonar obstrutiva crônica

- $\mathbf{I278}|\mathbf{I279}$ Outras doenças do coração pulmonar / cor pulmonale
- **J4** (padrão abreviado; não é código isolado agrupa J40-J49: bronquites/asma e DPOC)
- **J60–J67** Pneumoconioses (carvão, asbestos, sílica etc.)
- **J684** Bronquiectasia (J47) (nota: "J684" usualmente corresponde a "bronquiectasias" em alguns mapeamentos locais; no CID-10 padrão, bronquiectasia é J47)
- J701|J703 Doenças pulmonares por agentes químicos/gases/fumos (J70.1, J70.3)

Doença péptica

- **K25** Úlcera gástrica
- **K26** Úlcera duodenal
- **K27** Úlcera péptica de local não especificado
- **K28** Úlcera gastroyeyunal

Neoplasias

- C00 Neoplasia maligna do lábio
- C01 Neoplasia maligna da base da língua
- C02 Neoplasia maligna de outras partes e das não especificadas da língua
- C03 Neoplasia maligna da gengiva
- C04 Neoplasia maligna do assoalho da boca
- C05 Neoplasia maligna do palato
- C06 Neoplasia maligna de outras partes e das não especificadas da boca
- C07 Neoplasia maligna da glândula parótida
- C08 Neoplasia maligna de outras glândulas salivares maiores e das não especificadas
- C09 Neoplasia maligna da amígdala
- C10 Neoplasia maligna da orofaringe
- C11 Neoplasia maligna da nasofaringe
- C12 Neoplasia maligna do seio piriforme
- C13 Neoplasia maligna da hipofaringe
- C14 Neoplasia maligna de outros sítios e dos mal definidos do lábio, cavidade oral e faringe
- C15 Neoplasia maligna do esôfago
- C16 Neoplasia maligna do estômago

- C17 Neoplasia maligna do intestino delgado
- C18 Neoplasia maligna do cólon
- C19 Neoplasia maligna da junção retossigmoide
- C20 Neoplasia maligna do reto
- C21 Ânus e canal anal
- C22 Fígado e vias biliares intra-hepáticas
- C23 Vesícula biliar
- C24 Outras partes das vias biliares
- C25 Pâncreas
- C26 Órgãos digestivos mal definidos
- C30 Cavidade nasal e ouvido médio
- C31 Seios paranasais
- **C32** Laringe
- C33 Traqueia
- C34 Brônquios e pulmão
- C37 Timo
- C38 Coração, mediastino e pleura
- C39 Aparelho respiratório e órgãos intratorácicos mal definidos
- C40 Ossos e cartilagens articulares dos membros
- C41 Ossos e cartilagens articulares de outros locais
- C43 Melanoma maligno da pele
- C45 Mesotelioma
- C46 Sarcoma de Kaposi
- C47 Nervos periféricos e sistema nervoso autônomo
- C48 Retroperitônio e peritônio
- C49 Tecido conjuntivo e outros tecidos moles
- C50 Mama
- C51 Vulva
- **C52** Vagina
- C53 Colo do útero
- C54 Corpo do útero
- C55 Útero, porção não especificada
- C56 Ovário
- C57 Outros órgãos genitais femininos
- C58 Placenta
- C60-C69 órgãos genitais masculinos e olho/encéfalo)
- C70 Meninges
- C71 Encéfalo
- C72 Medula espinal, nervos cranianos e outras partes do SNC
- C73 Glândula tireoide
- C74 Glândula supra-renal
- C75 Outras glândulas endócrinas e estruturas correlatas
- C76 Sítios mal definidos

- C77 Linfonodos secundários e não especificados
- C78 Metástases em órgãos respiratórios e digestivos
- C79 Metástases em outros locais
- C80 Neoplasia maligna, sem especificação de sítio
- C81 Doença de Hodgkin
- C82 Linfoma não Hodgkin folicular
- C83 Linfoma não Hodgkin difuso
- C84 Linfomas de células T/NK cutâneos
- C85 Outros linfomas não Hodgkin
- C88 Doenças imunoproliferativas malignas
- C90 Mieloma múltiplo e neoplasias plasmocitárias
- C91 Leucemias linfóides
- C92 Leucemias mieloides
- C93 Leucemias monocíticas
- C94 Outras leucemias de células especificadas
- C95 Leucemia de célula não especificada
- C96 Outras neoplasias malignas do tecido linfóide, hematopoiético e correlatos
- C97 Neoplasias malignas primárias de múltiplos sítios independentes

Insuficiência hepática

- **B18** Hepatite viral crônica
- **I85**|**I859**|**I864**|**I982** Varizes esofágicas/portal; hipertensão portal; síndrome hepatorrenal (I98.2)
- K700|K701|K702|K703|K704|K709 Transtornos mentais e comportamentais/doença hepática alcoólica (K70.x)
- K711|K713|K715|K717 Insuficiência hepática aguda/subaguda; hep. tóxica; hep. crônica tóxica
- K721|K729 Insuficiência hepática não classificada em outra parte / não especificada
- K73 Hepatite crônica, não classificada em outra parte
- K74 Fibrose e cirrose hepática
- K760–K769 Outras doenças do fígado (fígado gorduroso não alcoólico, hepatite não especificada etc.)
- **Z944** Fígado transplantado

SIDA

- **B20**|**B21**|**B22**|**B24** Doenças por HIV (AIDS)
- **Z21** Estado de infecção assintomática pelo HIV
- R75 Evidência laboratorial do HIV
- O987 Doenças maternas por HIV complicando a gravidez, parto e puerpério (O98.7)
- P352 Infecção congênita por HIV (P35.2)

Hipotireoidismo

- **E00** Síndrome congênita por deficiência de iodo (cretinismo)
- E01 Transtornos tireoidianos e afecções relacionadas à deficiência de iodo
- E02 Hipotireoidismo subclínico por deficiência de iodo
- E03 Outros hipotireoidismos
- **E890** Hipotireoidismo pós-procedimentos (E89.0)

Arritmias cardíacas

- I441|I442|I443 Bloqueios atrioventriculares de 1º, 2º, 3º graus
- I456 Síndrome de Wolff-Parkinson-White
- I459 Transtornos da condução não especificados
- I47 Taquicardias paroxísticas
- I48 Fibrilação e flutter atriais
- I49 Outras arritmias cardíacas
- R000|R001|R008 Taquicardia / Bradicardia / Outros sinais e sintomas do coração
- T821 Complicações de dispositivos protéticos cardíacos
- **Z450** Ajuste e manutenção de marcapasso
- **Z950** Presença de prótese valvar cardíaca

Coagulopatias

- **D65** Coagulação intravascular disseminada
- **D66** Hemofilia A
- **D67** Hemofilia B
- D68 Outros defeitos de coagulação
- **D691** Púrpura alérgica (Henoch-Schönlein)
- **D693** Púrpura trombocitopênica idiopática crônica
- **D694** Púrpura não especificada
- D695 Trombocitopenia secundária
- **D696** Outros transtornos de coagulação especificados

Doenças reumatológicas

• L940|L941|L943 – Esclerodermias/ paniculites localizadas (códigos L94.x)

- M05|M06 Artrite reumatoide (soropositiva / outras)
- M08 Artrite juvenil
- M120|M123 Transtornos do tecido conjuntivo induzidos por drogas (M12.0) / osteoartrite pós-inflamatória (M12.3)
- \bullet M30|M310|M313 Poliarterite nodosa e vasculites; doença de Kawasaki; granulomatose de Wegener
- M32 Lúpus eritematoso sistêmico
- M33 Dermatomiosite/polimiosite
- M34 Esclerodermia sistêmica
- M35 Outras doenças sistêmicas do tecido conjuntivo
- M45 Espondilite anguilosante
- M461 M468 M469 Outras espondilopatias inflamatórias (M46.x)

Doenças valvares

- A520 Cardiopatia sifilítica (A52.0)
- I05|I06|I07|I08 Doenças valvares reumáticas (mitral, aórtica, tricúspide, múltiplas)
- I091|I098 Outras doenças cardíacas reumáticas (I09.1, I09.8)
- I34|I35|I36|I37 Doenças não reumáticas das válvulas mitral, aórtica, tricúspide e pulmonar
- ${f I38}|{f I39}$ Endocardite não especificada / Endocardite em doenças classificadas em outra parte

- Q230|Q231|Q232|Q233 Malformações congênitas das válvulas (Q23.x)
- **Z952**|**Z953**|**Z954** Presença de substitutos valvares (mitral, aórtico, tricúspide)

Circulação pulmonar

- I26 Embolia pulmonar
- I27 Outras doenças do coração pulmonar (hipertensão pulmonar, etc.)
- I280|I288|I289 Doenças de vasos pulmonares (I28.0, I28.8, I28.9)

Doenças neurológicas

- G10-G13 Doenças hereditárias e degenerativas do SNC
- G20-G22 Doenças extrapiramidais e transtornos do movimento (Parkinson, etc.)
- **G254**|**G255** Outras síndromes cerebelares (G25.4-G25.5)
- G312|G318|G319 Outras degenerações do SNC (G31.2, G31.8, G31.9)
- G32 Transtornos degenerativos do SNC em outras doenças
- G35–G37 Esclerose múltipla e afins
- G40|G41 Epilepsia e estado de mal epiléptico
- G931|G934 Edema cerebral / Encefalopatia não especificada
- R470 Disfasia/afasia não especificada
- **R56** Convulsões não classificadas em outra parte

Doenças vasculares periféricas

- I70 Aterosclerose
- **I71** Aneurisma e dissecção da aorta
- **I731**|**I738**|**I739** Doenças arteriais periféricas (I73.1, I73.8, I73.9)
- I771 Doença de Buerger (tromboangeite obliterante)
- 1790|1792 Aterosclerose de outros vasos / Doença de Raynaud secundária
- K551 K558 K559 Transtornos vasculares do intestino (isquemia mesentérica etc.)
- ${\bf Z958}|{\bf Z959}$ Presença de enxertos e implantes vasculares

Dislipidemia

• E78 – Transtornos do metabolismo de lipoproteínas e outras lipidemias

Obesidade

 \bullet **E66** – Obesidade

Anemias

- **D50** Anemia por deficiência de ferro
- **D51** Anemia por deficiência de vitamina B12
- **D52** Anemia por deficiência de folato
- **D53** Outras anemias nutricionais

Etilismo

- ullet F10 Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de álcool
- E52 Deficiência de niacina (pelagra)
- **G621** Polineuropatia alcoólica (G62.1)
- I426 Miocardiopatia alcoólica (I42.6)
- **K292** Gastrite alcoólica (K29.2)
- K700 K703 K709 Doença hepática alcoólica (esteatose, hepatite, cirrose)
- **T51** Efeito tóxico do álcool
- **Z502** Tratamento de desintoxicação alcoólica
- **Z714** Aconselhamento por uso de álcool
- **Z721** Problemas relacionados ao uso de álcool

Drogadição

- F11–F16, F18–F19 Transtornos por uso de opioides, canabinoides, sedativos/hipnóticos, cocaína, outros/estimulantes, solventes/inalantes e múltiplas drogas
- **Z715** Aconselhamento por abuso de drogas
- **Z722** Problemas relacionados ao uso de drogas

Esquizofrenia e Psicoses

- $\mathbf{F20} o \mathrm{Esquizofrenia}$
- $\mathbf{F21} \to \operatorname{Transtorno}$ esquizotípico
- $\mathbf{F22} \to \text{Transtornos}$ delirantes persistentes
- $\mathbf{F23} \rightarrow \text{Transtornos}$ psicóticos agudos e transitórios
- $\mathbf{F24} \to \operatorname{Transtorno}$ psicótico induzido
- $\mathbf{F25} \rightarrow \operatorname{Transtornos}$ esquizoafetivos
- ullet F28 o Outros transtornos psicóticos não orgânicos especificados
- $\mathbf{F29} \to \mathrm{Psicose}$ não orgânica não especificada
- $\mathbf{F31} \to \operatorname{Transtorno}$ afetivo bipolar

Depressão

- F32|F33 Episódio depressivo / Transtorno depressivo recorrente
- **F34** Transtornos de humor persistentes
- **F38** Outros transtornos de humor (afetivos)
- F39 Transtorno de humor (afetivo) não especificado
- F40-F41 Transtornos de ansiedade

Retardo Mental

- F70 Deficiência intelectual leve
- F71 Moderada
- **F72** Grave
- **F73** Profunda
- F78 Outra especificada

• F79 – Não especificada

Hipertireoidismo

- E05 Tireotoxicose (hipertireoidismo)
- **E06** Tireoidite

Desnutrição

• **E40**–**E46** – Kwashiorkor; marasmo; kwashiorkor marasmático; desnutrição grave/moderada/leve; retardo de desenvolvimento por desnutrição; desnutrição não especificada

Deficiências motoras

- G041 Mielite infecciosa (G04.1)
- G114 Ataxia hereditária espástica (G11.4)
- **G801** Diplegia espástica infantil (G80.1)
- G802 Tetraplegia infantil (G80.2)
- G81 Hemiplegia
- G82 Paraplegia e tetraplegia
- G830–G834 Monoplegias / síndromes paralíticas (G83.0–G83.4)
- **G839** Transtorno paralítico não especificado (G83.9)
- R26 Anormalidades da marcha e da mobilidade

Doenças dos olhos

- H16|H17|H18 Ceratites; cicatrizes/opacidades corneanas; outros transtornos da córnea
- H20|H21|H22 Uveítes/iridociclites e correlatos
- H25|H26|H28 Cataratas (senis, outras, em doenças classificadas em outra parte)
- H30-H36 Doenças da retina (coriorretinites, oclusões, DMRI, retinopatias)
- H40|H42 Glaucoma (e em doenças classificadas em outra parte)
- H44 Transtornos do globo ocular (endoftalmite, panoftalmite, atrofia bulbar)
- H46-H48 Neurite óptica e outros transtornos do nervo óptico
- H53|H54 Distúrbios visuais e cegueira/baixa visão

Doenças dos ouvidos

- H72 Perfuração da membrana timpânica
- **H80** Otosclerose
- H81 Transtornos da função vestibular
- H82 Síndromes vertiginosas em doenças classificadas em outra parte
- **H90** Perda auditiva condutiva e/ou neurossensorial
- H91 Outros transtornos da audição

Má formações

- Q00–Q07 Malformações congênitas do SNC (anencefalia, encefalocele, hidrocefalia, espinha bífida etc.)
- Q35–Q37 Fendas orais (palatina/labial)
- Q60–Q62 Malformações renais e do trato urinário
- Q80–Q81 Ictiose congênita; epidermólise bolhosa hereditária
- Q90-Q99 Anomalias cromossômicas (Down, Edwards, Patau, Turner, outras)

Doenças da pele

- L10-L14 Pênfigo, penfigoide e outras dermatoses bolhosas
- L40–L41 Psoríase e parapsoríases
- L89 Úlcera por pressão
- L90 Transtornos atróficos da pele
- L93 Lúpus eritematoso cutâneo

Duplicações de códigos entre condições

- R26 aparece em motor_temp e deficiencia_fisica_temp.
- K700, K703, K709 aparecem em liver_temp e alcool_temp.

(Essas são as duplicações exatas de código. Não considerei sobreposição por categoria ampla vs. subcódigo — p.ex., **H28** em olhos_temp e **H280** em DM_temp — porque os códigos não são idênticos.)

Hipertensão arterial

Relevância

Carga global da hipertensão

A hipertensão arterial é o principal fator de risco modificável para doenças cardiovasculares, acidente vascular cerebral, insuficiência cardíaca e doença renal crônica, contribuindo de forma significativa para a mortalidade e anos de vida ajustados por incapacidade (DALYs) no mundo. Estimativas do Global Burden of Disease Study indicam que mais de 1,3 bilhão de adultos apresentam hipertensão, sendo que cerca de dois terços vivem em países de baixa e média renda. Apesar dos avanços em diagnóstico e tratamento, a taxa global de controle permanece baixa, com menos de 25% dos indivíduos hipertensos atingindo metas pressóricas, refletindo desigualdades no acesso a serviços de saúde, medicamentos e programas de prevenção. A carga global cresce não apenas pela transição demográfica e envelhecimento populacional, mas também pela urbanização acelerada, dietas hipersódicas, sedentarismo e aumento do sobrepeso e obesidade.

Carga da hipertensão no Brasil

No Brasil, a hipertensão afeta aproximadamente 25% da população adulta, representando um dos principais problemas de saúde pública e a maior causa isolada de mortalidade cardiovascular. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS 2019) indicam que a prevalência é maior em pessoas com menor escolaridade, nas regiões Sudeste e Sul, e aumenta significativamente com a idade, ultrapassando 60% entre idosos. A hipertensão contribui para cerca de 50% das mortes por doenças cardiovasculares e para elevada demanda por hospitalizações no Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente por acidente vascular cerebral e infarto do miocárdio. Embora o Brasil tenha ampliado o acesso a medicamentos e o rastreamento na atenção primária, a taxa de controle pressórico ainda é insuficiente, o que mantém alta a carga de complicações e custos associados.

Definição clínica

A definição diagnóstica de hipertensão arterial depende das diretrizes utilizadas, mas as principais organizações internacionais e brasileiras apresentam critérios muito semelhantes.

Medidas devem ser feitas de forma adequada, com paciente em repouso, sem consumo recente de cafeína, álcool ou cigarro, usando manguito de tamanho apropriado.

Critérios diagnósticos em adultos

Segue o quadro comparativo atualizado com os critérios diagnósticos e classificação da hipertensão nas três principais diretrizes:

- Diretriz Brasileira de Hipertensão 2020 (SBH/SBC/SBN)
- Diretriz Europeia 2024 (ESH/ESC)
- Diretriz americana (ACC/AHA 2017)

Diagnóstico e Classificação da Hipertensão

	Diretriz Brasileira de	Diretriz Europeia	
Diretriz	Hipertensão 2020	2024	Diretriz americana
Pressão Normal	< 120 / < 80 mmHg	< 120 / < 80 mmHg	< 120 / < 80 mmHg
Pré-hipertensão /	$120139 \ / \ 8089$	$120129 \ / \ 8084$	120 – 129 / < 80
Elevada	mmHg	mmHg	mmHg (elevada)
	$(pr\'e-hipertens\~ao)$	(normal-alta)130-139	
		/ 85–89 mmHg	
		(normal-alta alta)	
Hipertensão –	140 / 90 mmHg	140 / 90 mmHg	130-139 / 80-89
Estágio 1		(Grau 1: 140–159 /	mmHg
		90–99 mmHg)	
Hipertensão –	— (usa classificação	$Grau\ 2:\ 160–179\ /$	$140159 \ / \ 9099$
Estágio 2	geral $140/90$)	$100109~\mathrm{mmHg}$	mmHg
Hipertensão –	_	Grau 3: 180 / 110	160 / 100 mmHg
Estágio 3		mmHg	
Diagnóstico com	Média 130/80	Mesmo critério da	Mesmo critério
MAPA~(24h)	mmHg (24h)Vigília	brasileira	
	135/85 mmHgSono		
	120/70 mmHg		

Diretriz	Diretriz Brasileira de Hipertensão 2020	Diretriz Europeia 2024	Diretriz americana
Diagnóstico com MRPA	Média 135/85 mmHg	135/85 mmHg	130/80 mmHg (alguns consensos americanos usam 135/85 mmHg para MRPA)

Principais diferenças

- Brasil (2020) e Europa (2024): mantêm ponto de corte 140/90 mmHg no consultório para diagnóstico.
- EUA (ACC/AHA 2017): ponto de corte mais baixo, 130/80 mmHg, o que aumenta o número de pessoas diagnosticadas.
- Europa subdivide a hipertensão em graus 1, 2 e 3 conforme gravidade; Brasil não detalha dessa forma.
- Para MAPA e MRPA, há mais consenso internacional, com corte principal em 130/80 mmHg (24h) e 135/85 mmHg (domicílio).

Observações importantes

- O diagnóstico **não deve** ser baseado em **uma única medida isolada**, exceto em casos de PA muito elevada associada a sinais de lesão aguda de órgãos-alvo (emergência hipertensiva).
- A MAPA e a MRPA podem ajudar a identificar Hipertensão do avental branco (PA elevada só no consultório) e Hipertensão mascarada (PA normal no consultório, mas elevada fora dele).
- Em pacientes com diabetes, doença renal crônica ou risco cardiovascular muito alto, alguns consensos sugerem metas de controle mais rigorosas, mas o ponto de corte para diagnóstico permanece o mesmo.

Critérios de inclusão de pacientes

Começamos com os seguintes critérios:

Registro de um código CID10 (I10|I11|I12|I13|I14|I15|I16|O100|O104|O109|O13|R030)

OU uma aferição de PA acima de 180/110 mmHg

OU prescrição de HIDROCLOROTIAZIDA CLORTALIDONA INDAPAMIDA FUROSEMIDA

ESPIRONOLACTONA|CAPTOPRIL| ENALAPRIL|LISINOPRIL|RAMIPRIL|

 $\begin{array}{ll} \operatorname{PERINDOPRIL}|\operatorname{BENAZEPRIL}|\operatorname{LOSARTANA}|\operatorname{VALSARTANA}| & \operatorname{CANDESARTANA}| \\ \operatorname{TANA}| & \end{array}$

IRBESARTANA|OLMESARTANA|TELMISARTANA|ANLODIPINO|NIFEDIPINO|

FELODIPINO|VERAPAMIL|DILTIAZEM|ATENOLOL|PROPRANOLOL|METOPROLOL|CARVEDIL

BISOPROLOL|METILDOPA|CLONIDINA|HIDRALAZINA|NITROPRUSSETO DE SÓDIO|ALISQUIRENO

conforme código abaixo:

```
-- Hipertensão Arterial Sistêmica CASE WHEN ( REGEXP_CONTAINS(COALESCE(condicoes_ids, ''), r'I10|I11|I12|I13|I14|I15|I16|0100|0104|0109|013|R030') OR

pressao_sistolica > 180 OR pressao_diastolica > 110 OR

REGEXP_CONTAINS(UPPER(COALESCE(prescricoes_nomes, '')),

r'HIDROCLOROTIAZIDA|CLORTALIDONA|INDAPAMIDA|FUROSEMIDA|ESPIRONOLACTONA|CAPTOPRIL|
ENALAPRIL|LISINOPRIL|RAMIPRIL|PERINDOPRIL|BENAZEPRIL|LOSARTANA|VALSARTANA|
CANDESARTANA|IRBESARTANA|OLMESARTANA|TELMISARTANA|ANLODIPINO|NIFEDIPINO|
FELODIPINO|VERAPAMIL|DILTIAZEM|ATENOLOL|PROPRANOLOL|METOPROLOL|CARVEDILOL|
BISOPROLOL|METILDOPA|CLONIDINA|HIDRALAZINA|NITROPRUSSETO DE SÓDIO|ALISQUIRENO') )
THEN TRUE ELSE FALSE END AS HAS_temp
```

Além disso, criamos a variável primeira_medida, para definir quando teve uma aferição acima de 140/90 mmHg, mas inferior a 180/110 mmHg:

```
-- VARIÁVEL primeira_medida

CASE WHEN (
    (pressao_sistolica >= 140 AND pressao_sistolica < 180) OR
    (pressao_diastolica >= 90 AND pressao_diastolica < 110)
) THEN TRUE ELSE FALSE END AS primeira_medida
```

Desta variável geramos um contador de aferições de PA elevadas, entre 140/90 e 180/110 mmHg.

SUM(CASE WHEN (pressao_sistolica > 140 OR pressao_diastolica > 90) THEN 1 ELSE 0 END)
OVER (PARTITION BY cpf ORDER BY entrada_data ASC ROWS UNBOUNDED PRECEDING)
AS contador_pressao_alta

Em seguida, quando o contador chegar a 2, torna a variável HAS_temp TRUE, caso ainda seja FALSE.

```
CASE
  WHEN contador_pressao_alta >= 2 THEN TRUE
  ELSE HAS_temp
END AS HAS_ajustado
```

Desta forma pegamos todos os CIDs relacionados à HAS, medicamentos prescritos e que são usados para HAS, bem como as aferições de PA, sendo requerido apenas uma acima de 180/110 mmHg ou duas acima de 140/90 mmHg.

Sobre as medicações, ainda restam dúvidas sobre a prescrição de alguns medicamentos em pacientes com outras condições cardiológicas e que não tenham HAS.

Informações que devem ser visualizadas pelas ESFs

Informação	Importância	Limitações para Obtenção
Nome completo	Identificação nominal; permite ação direta pela equipe	Pode haver duplicidades, erros de digitação ou homônimos
Data de nascimento /	Avaliação de risco (idade >65	Às vezes preenchida
idade	anos); estratificação e rastreio infantil/adolescente	incorretamente ou ausente
Sexo	Fator de risco (homens têm maior risco cardiovascular); define metas terapêuticas	Campo às vezes não binário ou desatualizado
Contato (telefone)	Essencial para busca ativa	Desatualização. Áreas de vulnerabilidade social
Unidade de saúde /	Identifica responsabilidade	Pode haver desatualização
equipe / microárea	sanitária; organização da busca ativa	de vínculo por mudança de território ou ausência de cadastro

Diagnósticos	Identificação direta de	CID pode não ser ativado
$\operatorname{registrados} (\operatorname{CID})$	hipertensão e comorbidades	mesmo quando a condição
		está presente
Últimas aferições de	Verifica controle e adesão ao	PA pode ser medida, mas
PA (data e valor) -	monitoramento	não registrada corretamente
quantas?		no campo específico
Histórico de PA	Critério diagnóstico de	Requer histórico
140/90 mmHg em	hipertensão	longitudinal e padronização
duas ou mais aferições		das unidades de entrada
Histórico de PA	Critério diagnóstico de	Leitura do registro de LOA
180/110 com evidência de Lesão de	hipertensão	em prontuário, se realizado.
de Lesao de Órgão-Alvo		
Prescrição atual de	Confirma tratamento em curso	Pode haver prescrição sem
anti-hipertensivos	Commina tratamento em curso	registro no PEP,
anti-inpertensivos		especialmente em papel
Data da última	Avalia descontinuidade ou	Sistema pode não
prescrição	abandono do tratamento	armazenar a validade da
		prescrição, apenas a emissão
Comorbidades (DM,	Influencia metas pressóricas,	Às vezes não registradas
DRC, dislipidemia,	cálculo de risco, escolha de	com CID ou não atualizadas
considerar tabagismo	tratamento	
etc.)		
Histórico de LOA (ex:	Essencial para estratificação de	Informações fragmentadas
$\mathrm{DAC},\mathrm{AVE},\mathrm{IC})$	risco e intensificação terapêutica	em laudos ou evoluções
		textuais (difíceis de
		,
D II IMG		minerar)
Peso, altura, IMC,	Cálculo de risco cardiovascular;	minerar) Dados ausentes ou
circunferência	obesidade é fator modificável	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos
	· ·	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos livres dificultam extração
circunferência abdominal	obesidade é fator modificável importante	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos livres dificultam extração automatizada
circunferência abdominal Aba para ver exames	obesidade é fator modificável importante Creatinina/TFGe, potássio,	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos livres dificultam extração automatizada Pode não estar integrado ao
circunferência abdominal	obesidade é fator modificável importante Creatinina/TFGe, potássio, perfil lipídico, glicose, EAS —	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos livres dificultam extração automatizada Pode não estar integrado ao sistema de prontuário;
circunferência abdominal Aba para ver exames	obesidade é fator modificável importante Creatinina/TFGe, potássio, perfil lipídico, glicose, EAS—necessários para diagnóstico e	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos livres dificultam extração automatizada Pode não estar integrado ao
circunferência abdominal Aba para ver exames	obesidade é fator modificável importante Creatinina/TFGe, potássio, perfil lipídico, glicose, EAS —	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos livres dificultam extração automatizada Pode não estar integrado ao sistema de prontuário;
circunferência abdominal Aba para ver exames laboratoriais recentes	obesidade é fator modificável importante Creatinina/TFGe, potássio, perfil lipídico, glicose, EAS— necessários para diagnóstico e acompanhamento	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos livres dificultam extração automatizada Pode não estar integrado ao sistema de prontuário; exames fora da rede pública
circunferência abdominal Aba para ver exames laboratoriais recentes Frequência cardíaca	obesidade é fator modificável importante Creatinina/TFGe, potássio, perfil lipídico, glicose, EAS— necessários para diagnóstico e acompanhamento	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos livres dificultam extração automatizada Pode não estar integrado ao sistema de prontuário; exames fora da rede pública Muitas vezes não registrada
circunferência abdominal Aba para ver exames laboratoriais recentes Frequência cardíaca (FC)	obesidade é fator modificável importante Creatinina/TFGe, potássio, perfil lipídico, glicose, EAS—necessários para diagnóstico e acompanhamento Fator de risco?	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos livres dificultam extração automatizada Pode não estar integrado ao sistema de prontuário; exames fora da rede pública Muitas vezes não registrada se não for consulta médica
circunferência abdominal Aba para ver exames laboratoriais recentes Frequência cardíaca (FC) Estratificação de risco cardiovascular Avaliação da adesão /	obesidade é fator modificável importante Creatinina/TFGe, potássio, perfil lipídico, glicose, EAS—necessários para diagnóstico e acompanhamento Fator de risco? Direciona tratamento e metas terapêuticas Apoia gestão do cuidado e	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos livres dificultam extração automatizada Pode não estar integrado ao sistema de prontuário; exames fora da rede pública Muitas vezes não registrada se não for consulta médica Nem sempre feita ou registrada no prontuário Informações subjetivas,
circunferência abdominal Aba para ver exames laboratoriais recentes Frequência cardíaca (FC) Estratificação de risco cardiovascular	obesidade é fator modificável importante Creatinina/TFGe, potássio, perfil lipídico, glicose, EAS—necessários para diagnóstico e acompanhamento Fator de risco? Direciona tratamento e metas terapêuticas	minerar) Dados ausentes ou desatualizados; campos livres dificultam extração automatizada Pode não estar integrado ao sistema de prontuário; exames fora da rede pública Muitas vezes não registrada se não for consulta médica Nem sempre feita ou registrada no prontuário

Participação em grupo educativo / MEV	Importante para desfechos positivos e adesão	Raramente sistematizado ou vinculado ao prontuário eletrônico
Data da última consulta médica e de enfermagem	Verifica continuidade de cuidado	Pode não refletir atendimento real (agendado e não comparecido, por exemplo)
Desejo reprodutivo (mulheres em idade fértil) - se faz uso de algum contraceptivo	Fundamental para orientar contracepção segura e riscos gestacionais	Nem sempre questionado ou registrado sistematicamente
Rastreamentos pendentes (ex: colpocitológico, mamografia, ISTs)	Ações integradas à linha de cuidado, inclusive cardiovascular	Geralmente registrados em sistemas separados ou como texto livre

Lacunas de cuidado para HAS

1 - Ausência de rastreamento

Ausência de registro anual de PA em adultos (18 anos) saudáveis se a PA do consultório < 140/90 mmHg. Ausência do registro anual de PA em crianças e adolescentes que deve ser realizado a partir dos 3 anos de idade. Em crianças de 1 ano a 13 anos de idade, a PA é considerada normal se estiver abaixo do percentil 90 (P90) para idade, altura e sexo, portanto, PA P90 corresponde a rastreio positivo para HAS (Material Suplementar 1).

Em adolescentes a partir de 13 anos de idade, a PA é considerada normal se estiver abaixo de $120~\mathrm{mmHg/80~mmHg}$.

Crianças menores de 3 anos de idade devem ter a PA medida em caso de presença de pelo menos uma das seguintes condições clínicas relacionadas à HAS, a serem avaliadas no momento da anamnese: Restrição de crescimento intrauterino; Crianças prematuras; Muito baixo peso ao nascer; Cardiopatia congênita operada ou não, como coarctação da aorta; História de internação em unidade de terapia intensiva (UTI) neonatal; Antecedente de cateterização umbilical pós-natal. Doença renal crônica (DRC), infecções urinárias de repetição, malformações renais, estenose da artéria renal, hematúria e proteinúria, história familiar de doença renal: Transplante de órgãos sólidos, câncer e transplante de medula óssea; Hipertensão intracraniana; Obstruções da aorta abdominal (neurofibromatose, síndrome de Williams, síndrome de Alagille, arterite de Takayasu); Distúrbios endocrinológicos, excesso de catecolaminas, mineralocorticoides, hiperplasia adrenal congênita, hiperaldosteronismo familiar, hipertireoidismo, tumores (feocromocitoma); Exposição a metais tóxicos, como mercúrio; Doenças sistêmicas que levam

à HAS, como esclerose tuberosa; Uso de medicamentos corticoides e anti-inflamatórios não esteroidais; Sobrepeso ou obesidade; História familiar da HAS.

2 - Falhas no diagnóstico

Técnica inadequada de aferição: Paciente não relaxado, falando Bexiga cheia Prática recente de atividades físicas, uso recente de cafeína/estimulantes Utilizar bolsa de borracha do manguito de dimensão inadequada para a circunferência do braço Altura inadequada do braço Uso de aparelho digital em ritmos cardíacos irregulares Diagnóstico baseado em medição única da PA em consultório. Ausência de diagnóstico e início de tratamento em medição única quando a HA é estágio 3, especialmente em pacientes de alto risco. Não considerar a possibilidade de HA mascarada em pacientes com pré-hipertensão (PAS 130-139/ PAD 85-89). Não considerar a possibilidade de HA do avental branco em pacientes com HA estágios 1 e 2 (PAS 140-179/ PAD 90-109).

3 - Ausência da ativação do CID correspondente:

- I10 Hipertensão essencial (primária)
- I11 Doença cardíaca hipertensiva
- I12 Doença renal hipertensiva
- I13 Doença cardíaca e renal hipertensiva
- I15 Hipertensão secundária
- 010.0 Hipertensão essencial pré-existente complicando a gravidez, o parto e o puerpério
- 010.4 Hipertensão secundária pré-existente complicando a gravidez, o parto e o puerpério
- 010.9 Hipertensão pré-existente não especificada, complicando a gravidez, o parto e o puer
- 013 Hipertensão gestacional (induzida pela gravidez) sem proteinúria significativa
- RO3.0 Pressão arterial elevada sem diagnóstico de hipertensão

4 - Ausência de identificação de fatores de risco:

- Não investigar fatores de risco (FR) ou Lesão de Órgão Alvo (LOA) em todos os pacientes com diagnóstico de pré-HA ou HA:
 - FR:
 - * Idade > 65 anos
 - * Sexo (homens > mulheres)
 - * Frequência cardíaca (> 80 bpm)
 - * Aumento do peso corporal
 - * Diabetes melito
 - * Dislipidemia/Hipercolesterolemia

- * História familiar de DCV (mulheres <65a e homens <55a)
- * História familiar de HAS
- * Tabagismo
- * Fatores psicossociais e/ou socioeconômicos (alimentação, sedentarismo);
- LOA:
 - * Dç. Cerebrovascular (AVEi ou AVEh, AIT)
 - * DAC
 - * IC/FA
 - * DAOP
 - * DRC moderada a grave (estágio 3 ou maior)
 - * RAC (Relação Albuminúria/Creatinina) = 30 a 300 mg/g

5 - Ausência de identificação de complicações crônicas:

- LOA:
 - Dç. Cerebrovascular (AVE i ou h, AIT)
 - DAC
 - IC/FA
 - DAOP
 - DRC
 - Oftalmopatias

6 - Ausência de solicitação e registro de exames e parâmetros biométricos no diagnóstico:

- Fundoscopia: avaliação de retinopatia hipertensiva (encaminhamento para avaliação por oftalmologista)
- Exames complementares:
 - Potássio
 - Creatinina/TFGe
 - Perfil lipídico
 - EAS

 Palpação coração e artérias carótidas
 Palpação de artérias periféricas
 Comparação dos valores de pressão arterial em ambos os braços, medidos pelo menos uma vez, em cada um dos braços
• Parâmetros biométricos:
- Peso
- Altura
- IMC
- FC
 Circunferência abdominal
7 - Ausência de avaliação do cálculo do risco cardiovascular no diagnóstico e anual:
• Não estratificar o RCV do paciente com HA utilizando calculadoras validadas:
- UKPDS
 Escore de risco global
- Calculadora HEARTS (ideal usar em pessoas entre 40 a 74 anos de idade)
8 - Pessoa Hipertensa sem registro de consulta nos últimos 6 meses:
• Mínimo 1 consulta médica e 1 consulta de enfermagem ao ano.
9 - Ausência de solicitação e registro de fundoscopia, exames complementares e parâmetros biométricos nos últimos 12 meses:
• Parâmetros biométricos:
- Peso
- Altura

- ECG

• Exame físico:

- Ausculta cardiovascular

- Exame neurológico e estado cognitivo

- Ausculta pulmonar

- IMC
- FC
- Circunferência abdominal
- Exames complementares:
 - Potássio
 - Creatinina/TFGe
 - Perfil lipídico
 - EAS
 - ECG
- Não solicitar microalbuminúria urinária para cálculo de RA em pacientes HA com DM.
- 10 Ausência do cálculo da Taxa de Filtração Glomerular:
 - Utilizando creatinina sérica para cálculo, preferencialmente CKD-EPI 2021 (exceto exceções, como extremos de peso)
- 11 Ausência de identificação de fatores de risco modificáveis e ausência de estímulos à melhorias para modificações:
 - Tabagismo, alcoolismo, obesidade, dislipidemia, sedentarismo, alimentação
 - Negligenciar papel de grupos educativos na educação em saúde e adesão ao tratamento
 - Não estimular MEV, associada ou não ao tratamento medicamentoso
- 12 Ausência de oportunizar testagem de ISTs e de outros rastreamentos indicados (mamografia, colpocitológico)
- 13 Ausência de avaliação de desejo e possibilidade de gestar e consideração de planejamento reprodutivo em mulheres em idade fértil;
 - Não aconselhar e prescrever contracepção de alta eficácia em mulheres em idade fértil
 - Mulheres com hipertensão ou risco cardiovascular elevado não devem usar contraceptivos orais combinados. Nestes casos, são preferíveis métodos não hormonais ou progestagênios isolados.
- 14 Ausência de controle adequado de perfil lipídio, IMC e peso
- 15 Ausência de prescrição de estatina em doses otimizadas
 - Não prescrever estatina de acordo com colesterol LDL e cálculo do RCV

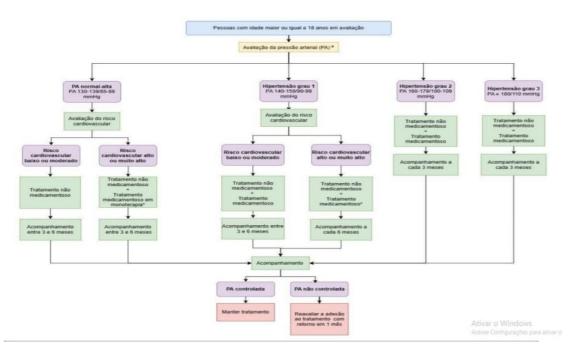
• Dificuldade de acessar estatinas de alta potência via LME

16 - Ausência de avaliação de alvo de colesterol LDL

17 - Falha na prescrição do tratamento medicamentoso

- Não utilizar as classes de anti-hipertensivos preferenciais para o uso em monoterapia ou combinação, sendo elas:
 - IECA (Inibidores da enzima conversora de angiotensina)
 - BRA (Bloqueadores dos receptores de angiotensina II)
 - Diurético tiazídico ou similar
 - BCC (Bloqueador de canal de cálcio)
 - BB (Betabloqueadores)
- Utilizar monoterapia medicamentosa em hipertensos estágio 1 de moderado e alto risco, ou que possuam LOA, e hipertensos estágios 2 e 3 independe do risco cardiovascular:
 - A monoterapia deve ser considerada apenas para hipertensos estágio 1 de baixo risco cardiovascular e para muito idosos e/ou indivíduos frágeis (75 anos, vive em instituições de longa permanência para idosos, encontra-se acamado, esteve hospitalizado recentemente por qualquer razão, apresente doenças sabidamente causadoras de incapacidade funcional, encontra-se com pelo menos uma incapacidade funcional básica, ou viva situações de violência doméstica).
- Não iniciar o tratamento com combinação de dois fármacos, sendo eles um IECA, ou BRA, associado a DIU tiazídico ou similar ou BCC:
 - Diretrizes recentes recomendam o uso de diferentes classes de medicamentos como tratamento inicial em sua menor dose e, caso necessário, sua associação a outras classes terapêuticas até que o controle da PA seja alcançado, visando ao sucesso terapêutico, minimização de eventos adversos indesejáveis e abandono do tratamento. Essa estratégia é recomendada em detrimento do aumento da dose do medicamento em monoterapia ou troca por outro medicamento em monoterapia
- Se mesmo com a combinação das duas classes terapêuticas não houver alcance da meta terapêutica, então, deve-se aumentar gradualmente as doses prescritas até que o controle da PA seja alcançado, observando-se a dose máxima recomendada dos medicamentos.
- Não prescrever três fármacos, habitualmente IECA ou BRA associado a DIU tiazídico ou similar e BCC, caso não se atinja o controle da PA com combinação de dois fármacos:

- Se mesmo com 2 classes associadas e otimizadas o controle da PA não for alcançado, recomenda-se incluir uma terceira classe em sua dose mínima, aumentando-a gradualmente, caso não haja o controle da PA esperado, até a dose máxima.



18 - Não considerar meta pressórica adequada

• Não utilizar meta pressórica <130/80 em pacientes portadores de DRC, DM2, IC e/ou DAC.

19 - Não encaminhar paciente à Cardiologia - Hipertensão Arterial Resistente via SER em caso de HA resistente ou suspeita de HA secundária:

- HA resistente: PA de consultório que permanece com valores 140/90 mmHg, com o uso de três ou mais classes de fármacos anti-hipertensivos com ações sinérgicas, em doses máximas preconizadas ou toleradas, sendo um deles preferencialmente um diurético tiazídico; ou uso de quatro ou mais fármacos anti-hipertensivos para alcançar o controle da PA:
- HA secundária suspeita: HA estágio 3 < 30 anos ou > 55 anos; HA resistente ou refratária; Tríade do feocromocitoma: crises de palpitações, sudorese e cefaleia; Indícios de apneia obstrutiva do sono; Hipopotassemia espontânea ou severa induzida por diuréticos (< 3,0 mEq/L); Exame de urina anormal (hematúria glomerular (dismórfica) ou presença de albuminúria/proteinúria), aumento de creatinina sérica ou alterações de imagem renal

Educação Médica Continuada

Referências Bibliográficas

MCEVOY, John William; TOUYZ, Rhian M.; MCCARTHY, Cian P.; BRUNO, Rosa Maria; et al. 2024 ESC Guidelines for the management of elevated blood pressure and hypertension. European Heart Journal, v. 45, n. 38, p. 3912–4018, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1093/eurheartj/ehae178. Acesso em: 24 jul. 2025.

BARROSO, Weimar Kunz Sebba; RODRIGUES, Cibele Isaac Saad; BORTOLOTTO, Luiz Aparecido; MOTA-GOMES, Marco Antônio; et al. Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial – 2020. Departamento de Hipertensão Arterial da Sociedade Brasileira de Cardiologia, 2020. Disponível em: http://departamentos.cardiol.br/sbc-dha/profissional/pdf/Diretriz-HAS-2020.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025

BRASIL. Ministério da Saúde. Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec). Relatório preliminar – Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas de Hipertensão Arterial Sistêmica (PCDT–HAS). Brasília: Ministério da Saúde, 13 mar. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/consultas/relatorios/2025/relatorio-preliminar-pcdt-hipertensao-arterial-sistemica-cp-11/@(download/file?) . Acesso em: 24 jul. 2025.

Secretaria Municipal de Saúde. Subsecretaria de Atenção Primária, Vigilância e Promoção da Saúde. Superintendência de Atenção Primária. Hipertensão: manejo clínico em adultos. - 1ª ed. Rio de Janeiro: SMS, 2016. 24 p. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde) (Coleção Guia de Referência Rápida, nº 6)

Diabetes Mellitus

Relevância

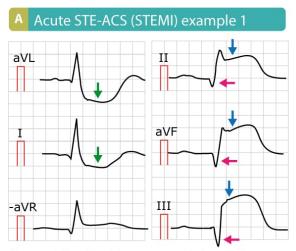
Definição clínica

Critérios de inclusão de pacientes

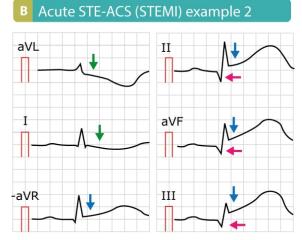
Informações visualizadas

Educação Médica Continuada

Síndromes Coronarianas



60 year old male with retrosternal chest pain. ECG shows ST segment elevations in inferior leads (II, aVF and III). There are reciprocal ST segment depressions in aVL and I. There are also pathological Q-waves in the inferior leads.



65 year old diabetic with 3 hours duration of chest pain. ECG shows ST-segment elevations, reciprocal depressions and pathological Q-waves.

- → ST segment elevation
- → Pathological Q-waves
- → Reciprocal ST-segment depression

Relevância

Definição clínica

Critérios de inclusão de pacientes

Neste momento, apenas informações provenientes dos CIDs registrados são usadas para definir paciente com CI.

CIDs - I21, I22, I252

Esta escolha contempla alguns critérios discutidos abaixo.

1. CID-10 DEFINIDORES DE CARDIOPATIA ISQUÊMICA

1. DOENÇA ISQUÊMICA CRÔNICA DO CORAÇÃO

- I250 Doença cardiovascular aterosclerótica, descrita desta maneira
- I251 Doença aterosclerótica do coração
- I252 Infarto antigo do miocárdio
- I253 Aneurisma cardíaco
- I254 Aneurisma de artéria coronária
- I255 Miocardiopatia isquêmica
- I256 Isquemia miocárdica silenciosa
- I258 Outras formas de doença isquêmica crônica do coração
- I259 Doença isquêmica crônica do coração não especificada

2. ANGINA PECTORIS

- I200 Angina instável
- I201 Angina pectoris com espasmo documentado
- I208 Outras formas de angina pectoris
- I209 Angina pectoris, não especificada

3. INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO

- I210 Infarto agudo transmural da parede anterior do miocárdio
- I211 Infarto agudo transmural da parede inferior do miocárdio
- I212 Infarto agudo transmural do miocárdio de outras localizações
- I213 Infarto agudo transmural do miocárdio, de localização não especificada
- I214 Infarto agudo subendocárdico do miocárdio
- I219 Infarto agudo do miocárdio não especificado

4. INFARTO DO MIOCÁRDIO RECORRENTE

- I220 Infarto do miocárdio recorrente da parede anterior
- I221 Infarto do miocárdio recorrente da parede inferior
- I228 Infarto do miocárdio recorrente de outras localizações
- I229 Infarto do miocárdio recorrente de localização não especificada

5. ALGUMAS COMPLICAÇÕES ATUAIS SUBSEQUENTES AO INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO

 I230 - Hemopericárdio como complicação atual subseqüente ao infarto agudo do miocárdio

- I231 Comunicação interatrial como complicação atual subsequente ao infarto agudo do miocárdio
- I232 Comunicação interventricular como complicação atual subseqüente ao infarto agudo do miocárdio
- I233 Ruptura da parede do coração sem ocorrência de hemopericárdio como complicação atual subsequente ao infarto agudo do miocárdio
- I234 Ruptura de cordoalhas tendíneas como complicação atual subseqüente ao infarto agudo do miocárdio
- I235 Ruptura de músculos papilares como complicação atual subseqüente ao infarto agudo do miocárdio
- I236 Trombose de átrio, aurícula e ventrículo como complicação atual subsequente ao infarto agudo do miocárdio
- I238 Outras complicações atuais subseqüentes ao infarto agudo do miocárdio

6. PARADA CARDÍACA

- I460 Parada cardíaca com ressuscitação bem sucedida
- I469 Parada cardíaca não especificada

7. PRESENÇA DE IMPLANTES E ENXERTOS CARDÍACOS E VALVULARES

- Z951 Presença de enxerto de ponte "bypass" aortocoronária
- Z955 Presença de implante e enxerto de angioplastia coronária
- 2. CID-10 SUGESTIVO PORÉM AINDA INESPECÍFICO (PODE ABRANGER OUT-RAS CONDIÇÕES)
 - I516 Doença cardiovascular não especificada
- 3. CID-10 QUE PODE LEVANTAR SUSPEITAS PORÉM AINDA MAIS INESPECÍFICO NO QUE TANGE À DOENÇA ISQUÊMICA
 - I518 Outras doenças mal definidas do coração
 - I519 Doença não especificada do coração
 - I500 Insuficiência cardíaca congestiva (?)
 - I501 Insuficiência ventricular esquerda (?)
 - I509 Insuficiência cardíaca não especificada (?)
 - Z958 Presença de outros implantes e enxertos cardíacos e vasculares Z959 Presença de implante e enxerto cardíaco e vascular não especificado

Informações visualizadas

Insuficiência Cardíaca

Relevância

Definição clínica

Critérios de inclusão de pacientes

Neste momento, apenas informações provenientes dos CIDs registrados são usadas para definir paciente com CI.

 $CIDs-I110,\ I130,\ I132,\ I255,\ I420,\ I425,\ I426,\ I427,\ I428,\ I429,\ I43,\ I50,\ P290$

Checklist de Cuidado em Insuficiência Cardíaca na Atenção Primária à Saúde

I - Diagnóstico e Estadiamento Inicial

Avaliação Clínica Abrangente:

- Anamnese Detalhada: Investigar ativamente sintomas sugestivos de IC, como dispneia (em repouso, ao caminhar, paroxística noturna), ortopneia (necessidade de mais travesseiros), edema (de membros inferiores), fadiga, cansaço, tosse seca (especialmente noturna), noctúria e dor em quadrante superior direito (QSD) secundária à congestão hepática.
- Exame Físico Completo: Procurar sinais como taquicardia, ritmo de galope (terceira bulha), deslocamento do ictus cordis, turgência jugular a 45°, refluxo hepatojugular, estertores crepitantes pulmonares (principalmente nas bases), esforço respiratório/taquipneia, hepatomegalia e edema de membros inferiores.
- Uso de Escores Diagnósticos: Aplicar os critérios de Boston ou Framingham para auxiliar na classificação da probabilidade clínica de IC.

• Diagnósticos Diferenciais: Considerar e excluir outras causas de dispneia e sintomas, como Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC), asma, doenças pulmonares intersticiais, anemia, doenças da tireoide, cardiopatia valvar, apneia obstrutiva do sono, obesidade, insuficiência venosa periférica e insuficiência renal crônica.

Exames Complementares Iniciais (Conforme Fluxo de Diagnóstico):

- Eletrocardiograma (ECG) de 12 Derivações: Realizar em todos os pacientes com suspeita de IC para avaliar sinais de cardiopatia estrutural (ex: hipertrofia ventricular esquerda), isquemia miocárdica, áreas de fibrose, distúrbios da condução atrioventricular, bradicardia ou taquiarritmias. Um ECG normal torna a disfunção sistólica de VE improvável (VPN: 98%).
- Radiografia de Tórax: Realizar para avaliação de cardiomegalia e congestão pulmonar, além de ajudar a identificar causas pulmonares de dispneia. É mais valiosa na IC aguda.
- Peptídeos Natriuréticos (BNP ou NT-proBNP):
 - Realizar como primeiro teste diagnóstico em pacientes com baixa ou moderada probabilidade clínica de IC. Interpretar os resultados: Negativo: Se BNP < 35-50 pg/mL ou NT-proBNP < 125 pg/mL (em ambulatório), ou BNP < 100 pg/mL ou NT-proBNP < 300 pg/mL (em emergência), o diagnóstico de IC é improvável, devendo-se investigar outras hipóteses.</p>
 - Positivo: Se BNP > 35-50 pg/mL ou NT-proBNP > 125 pg/mL (em ambulatório), ou BNP > 100 pg/mL ou NT-proBNP > 300 pg/mL (em emergência), solicitar ecocardiografia para confirmação diagnóstica.
 - Não recomendar BNP/NT-proBNP como teste diagnóstico em pacientes com alta probabilidade clínica de IC, pois a probabilidade de IC permanece alta mesmo com resultados negativos.
 - Em pacientes em uso de sacubitril/valsartana, monitorar com NT-proBNP, pois o BNP tem seus níveis elevados por ação da droga.
- Ecocardiografia Transtorácica (EcoTT):
 - Solicitar para confirmação diagnóstica de IC em pacientes com baixa ou moderada probabilidade clínica e resultado positivo de BNP/NT-proBNP.
 - Solicitar em pacientes com alta probabilidade clínica (após o diagnóstico clínico) para mensurar a fração de ejeção (FEVE) e demais parâmetros cardíacos, permitindo o planejamento terapêutico adequado e o reconhecimento de IC com fração de ejeção preservada (ICFEP).

- Avaliar função sistólica e diastólica (ventrículo esquerdo e direito), espessuras parietais, dimensões das cavidades, função valvar e estimativas hemodinâmicas.
- NÃO solicitar EcoTT como primeiro teste diagnóstico em pacientes com baixa probabilidade clínica de IC, a menos que BNP/NT-proBNP sejam positivos.
- Exames Laboratoriais Adicionais: Solicitar hemograma completo, eletrólitos séricos (sódio, potássio, magnésio), função renal (ureia, creatinina), glicemia de jejum, hemoglobina glicosilada (HbA1c), perfil lipídico, função tireoidiana (TSH) e função hepática (TGO, TGP, bilirrubinas).

Classificação da IC:

- Classificar a IC pela Fração de Ejeção do Ventrículo Esquerdo (FEVE):
 - IC com fração de ejeção reduzida (ICFEr): FEVE < 40% (geral); ou 40% (para dapagliflozina); ou 35% (para sacubitril/valsartana); ou 35% (para TRC/CDI).
 - IC com fração de ejeção intermediária (ICFEi): FEVE 40-49%.
 - IC com fração de ejeção preservada (ICFEP): FEVE 50%.
- Classificar Funcionalmente pela New York Heart Association (NYHA): Graduar a doença em 4 níveis (I, II, III, IV) para auxiliar na definição terapêutica e na avaliação da resposta ao tratamento. Registrar a classe funcional NYHA em cada consulta de acompanhamento.

Classe I – Sem Limitação Funcional

- O paciente **não apresenta sintomas** (dispneia, fadiga, palpitações ou dor anginosa) durante atividades físicas habituais do dia a dia.
- Atividades como caminhar, subir escadas ou realizar tarefas domésticas não causam desconforto.
- Muitas vezes, a doença é diagnosticada por exames ou achados clínicos, mas não há impacto percebido na vida cotidiana.

Classe II - Pequena Limitação Funcional

Classe I – Sem Limitação Funcional

- Há leve limitação das atividades físicas habituais.
- O paciente está **confortável em repouso**, mas **esforços maiores que o habitual** (como caminhar rapidamente, subir mais de um lance de escadas, atividades moderadas) já desencadeiam sintomas.
- Sintomas típicos: fadiga, palpitação, dispneia ou angina leve.
- É comum que o paciente precise reduzir um pouco seu ritmo, mas consegue manter independência.

Classe III – Limitação Funcional Marcante

- Há limitação acentuada das atividades físicas, mesmo em esforços menos intensos que os habituais.
- O paciente continua sem sintomas em repouso, mas atividades leves (como andar poucos metros, tomar banho, vestir-se, fazer tarefas leves) já causam dispneia, fadiga ou palpitações.
- Essa limitação tem **impacto significativo na qualidade de vida**, pois restringe a autonomia em tarefas simples.

Classe IV – Sintomas em Repouso

- O paciente apresenta incapacidade de realizar qualquer atividade física sem desconforto.
- Os sintomas típicos da insuficiência cardíaca (dispneia, fadiga, palpitações, dor anginosa) aparecem mesmo em repouso.
- Pequenos esforços ou até mesmo atividades de autocuidado agravam os sintomas.
- Muitas vezes, é necessária assistência contínua, pois a doença está em estágio avançado.
- Classificar pelos Estágios da American College of Cardiology/American Heart Association (ACC/AHA): Considerar os estágios A, B, C e D para enfatizar o desenvolvimento e a progressão da doença.

Estágio	Descrição
Estágio A – Risco aumentado, sem alteração estrutural ou sintomas	• Pacientes sem doença estrutural cardíaca identificada.
	• Nunca apresentaram sinais ou sintomas de insuficiência cardíaca.
	• Possuem alto risco de desenvolver IC no futuro por causa de comorbidades.
	• Exemplos de fatores de risco: hipertensão arterial sistêmica, diabetes mellitus, obesidade, síndrome metabólica, aterosclerose, uso de cardiotóxicos, histórico familiar de miocardiopatia.
Estágio B – Doença estrutural, sem sintomas de insuficiência cardíaca	 Foco terapêutico: prevenção — controle rigoroso de fatores de risco, mudança de estilo de vida. Presença de doença cardíaca estrutural (ex.: infarto prévio, hipertrofia ventricular, disfunção sistólica assintomática, valvopatia importante).
	• Ainda sem sintomas de IC (sem dispneia, fadiga ou retenção hídrica).
	• Exemplo: paciente com fração de ejeção reduzida após um infarto, mas que nunca apresentou dispneia.
	• Foco terapêutico: evitar progressão — uso de medicamentos (IECA, BRA, betabloqueadores, estatinas), intervenção em fatores modificáveis, tratamento precoce de lesões valvares.

Estágio	Descrição
Estágio C – Doença estrutural + sintomas prévios ou atuais de insuficiência cardíaca Estágio D – Doença avançada ou refratária	• Doença cardíaca estrutural estabelecida com sintomas típicos de IC:
	 Dispneia (em esforço ou repouso), fadiga, intolerância ao exercício.
	 Retenção de líquidos (edema, congestão pulmonar, ascite).
	• Engloba tanto pacientes com sintomas atuais quanto aqueles que já tiveram sintomas no passado .
	• Aqui se enquadram a maior parte dos pacientes em acompanhamento clínico.
	 Foco terapêutico: controle sintomático (diuréticos), prevenção de progressão (IECA/BRAs, betabloqueadores, antagonistas de aldosterona), dispositivos (CDI, ressincronizador) reabilitação cardíaca, educação para autocuidado. Insuficiência cardíaca em estágio terminal, refratária ao tratamento clínico otimizado.
	• Pacientes apresentam sintomas persistentes em repouso ou com mínimos esforços.
	 Requerem internações frequentes e estratégias avançadas: suporte circulatório mecânico, transplante cardíaco, cuidados paliativos.
	• Foco terapêutico: cuidados especializados, integração de equipe multidisciplinar, decisões sobre suporte avançado e qualidade de vida.

II - Tratamento Não Farmacológico e Autocuidado

Educação em Saúde e Apoio ao Autocuidado:

• Fornecer Informações Abrangentes: Oferecer informações escritas e verbais sobre a IC (causas, tratamento, evolução, prognóstico), os benefícios e efeitos adversos dos medicamentos, posologias, e conduta em caso de esquecimento de dose.

- Verificar Compreensão: Assegurar que o paciente e seu referente social (cuidador) compreenderam a importância de cada medicamento e as orientações, questionando ativamente sobre o uso e identificando dificuldades na adesão.
- Aconselhamento sobre Sinais de Alarme: Orientar o paciente e o cuidador a procurar atendimento médico em caso de piora clínica, como mudanças nos sintomas, sinais vitais ou ganho de peso de 1 a 2 kg em poucos dias, associados à hipervolemia e descompensação.
- Fomentar Adesão Medicamentosa: Enfatizar a importância do uso regular dos medicamentos prescritos.
- Plano de Manejo Compartilhado: Desenvolver um plano de cuidado em conjunto com o paciente, respeitando suas necessidades, preferências, particularidades culturais e limitações físicas ou de aprendizado. Documentar as discussões.
- Programas Multidisciplinares: Encorajar a participação em programas de gerenciamento multidisciplinar e grupos de pacientes (ex: hipertensos, diabéticos).

Dieta e Nutrição:

- Dieta Cardioprotetora: Recomendar uma dieta saudável e balanceada.
- Restrição de Sódio: Orientar a evitar a ingestão excessiva de sódio (> 7g de sal por dia).
- Restrição Hídrica: Não recomendar rotineiramente restrição hídrica para todos os pacientes com IC crônica; considerar apenas em casos específicos de hiponatremia, doença avançada, ou em pacientes muito congestos e sintomáticos (20-25mL/kg/dia).
- Controle do Peso Corporal: Oferecer aconselhamento e apoio para atingir e manter um
 peso saudável para pessoas com sobrepeso ou obesidade. Para obesidade mórbida (IMC
 > 40 kg/m2), buscar redução de peso. (Nota: Não há recomendação formal de dieta
 para sobrepeso e obesidade leve com o objetivo de alterar a evolução da síndrome devido
 ao "paradoxo da obesidade").

Atividade Física e Reabilitação Cardíaca:

- Exercício Aeróbico Regular: Encorajar e recomendar a prática de exercício aeróbico em pacientes com IC estável (NYHA I-III), individualizado dentro de um programa de reabilitação cardíaca, visando 25 a 60 minutos por dia, pelo menos 3 vezes por semana.
- Orientação para Interrupção: Instruir o paciente sobre a necessidade de interromper a atividade física em caso de angina, tontura ou piora no padrão da dispneia.
- Contraindicações: Informar sobre as contraindicações para exercício aeróbico (arritmia não controlada, doença valvar grave com estenose ou regurgitação, IC descompensada e NYHA IV). Pacientes mais graves (ex: NYHA III ou com comorbidades) devem realizar atividade supervisionada.

 Teste de Esforço: Considerar a realização de teste de esforço antes de iniciar programas de atividade física para pacientes com angina ou IC. Para programas de exercícios leves em pacientes bem controlados, o teste pode ser dispensado, a menos que desencadeie sintomas.

Vacinação:

- Vacina contra Influenza: Recomendar a vacinação anual contra influenza para todos os pacientes com IC.
- Vacina contra Pneumococo: Recomendar a vacinação contra pneumococo.

Cessação do Tabagismo e Controle do Álcool:

- Cessação do Tabagismo: Encorajar todos os pacientes com IC a interromper o tabagismo.
- Consumo de Álcool: Recomendar a redução da ingestão excessiva de álcool.

III - Tratamento Farmacológico (para ICFEr - FEVE 40%, salvo indicação diferente)

Inibidores da Enzima Conversora de Angiotensina (IECA) / Antagonistas do Receptor da Angiotensina II (ARA II):

- IECA (Enalapril, Captopril): Iniciar em doses baixas e aumentar gradualmente até a dose máxima tolerada para pacientes sintomáticos ou assintomáticos com disfunção de VE.
- ARA II (Losartana): Utilizar como alternativa em caso de intolerância a IECA (tosse persistente, angioedema).
- Monitoramento: Realizar monitorização periódica da função renal e dos eletrólitos (potássio), especialmente após o início e ajustes de dose.
- Suspensão/Ajuste: Considerar ajuste de dose ou suspensão se piora significativa da função renal (creatinina > 3.5 mg/dL ou K > 5.5 mEq/L).
- NÃO usar IECA e BRA concomitantemente.
- NÃO usar IECA/BRA em gestantes devido ao risco de malformações fetais.

Betabloqueadores (BB):

- Fármacos: Utilizar bisoprolol, carvedilol ou succinato de metoprolol.
- Início e Titulação: Iniciar em doses baixas para pacientes clinicamente compensados (não congestos) e aumentar gradualmente a cada 2 semanas até a dose máxima tolerada ou dose-alvo.
- Manutenção em Descompensação: Pacientes em uso crônico de betabloqueador com quadros de descompensação por congestão podem manter o uso, a menos que haja sinais de baixo débito cardíaco ou hipotensão sintomática.
- NÃO iniciar BB se o paciente não estiver clinicamente compensado e sem sinais de congestão.
- Evitar suspensão abrupta de BB, a não ser que estritamente necessário.
- Monitoramento: Monitorar níveis pressóricos e frequência cardíaca. Bradicardia e hipotensão, desde que o paciente esteja assintomático, são toleradas.
- Pneumopatias: Dar preferência a BB 1 seletivos (bisoprolol, metoprolol, nebivolol) em pacientes com pneumopatias, especialmente asma.
- Bloqueios AV: Em caso de bloqueios atrioventriculares, reduzir ou suspender outros fármacos que atuam no nó atrioventricular (ex: digoxina, amiodarona).

Antagonistas do Receptor Mineralocorticoide (ARM):

- Fármaco: Espironolactona (12,5-25mg/dia).
- Indicação: Iniciar para pacientes sintomáticos (NYHA II-IV) com disfunção sistólica de VE, associado ao tratamento padrão (IECA/ARA-II e BB).
- Titulação: Aumentar dose para 50mg/dia se níveis de potássio adequados.
- Monitoramento: Realizar monitorização periódica de potássio sérico e função renal.
- Contraindicações: NÃO usar em pacientes com insuficiência renal avançada (creatinina > 2.5 mg/dL) ou hipercalemia persistente (potássio > 5.9 mmol/L).
- NÃO usar em gestantes devido a efeitos antiandrogênicos.

Diuréticos:

- Fármacos: Furosemida (diurético de alça) e hidroclorotiazida (diurético tiazídico).
- Indicação: Utilizar diuréticos de alça para alívio da congestão pulmonar ou sistêmica, na menor dose terapêutica eficaz.
- Associação: Considerar diuréticos tiazídicos associados a diuréticos de alça para controle de congestão persistente, apesar de terapêutica otimizada e incrementos na dose do diurético de alça.
- Ajuste de Dose: Ajustar a dose de acordo com a presença de congestão.
- Monitoramento: Monitorar função renal e eletrólitos.
- IC Aguda: Em casos de IC aguda, iniciar furosemida intravenosa (20-40mg em bólus, ou dose equivalente ou o dobro da dose oral prévia) e titular intensamente para atingir os alvos clínicos de descongestão.

Dapagliflozina:

- Indicação: Associar dapagliflozina (10mg/dia) à terapia padrão (IECA/ARA II, betabloqueadores, diuréticos e antagonista de receptor de mineralocorticoides) em pacientes adultos com IC, NYHA II-IV, FEVE reduzida (<40%), e sintomáticos (dispneia aos esforços, sinais de congestão, piora clínica com internações recentes).
- Prioridade: Se o paciente atender simultaneamente aos critérios de inclusão para dapagliflozina e sacubitril/valsartana, iniciar o tratamento com dapagliflozina primeiro (devido a menor custo e maior comodidade de uso).
- A dapagliflozina pode reduzir a pré-carga e a pós-carga cardíaca por meio da diminuição da reabsorção de sódio e do aumento da entrega de sódio ao túbulo distal. Além disso, a dapagliflozina aumenta a excreção urinária de glicose. A eficácia é baseada no estudo DAPA-HF. Comparação de dapagliflozina vs. placebo em análises de subgrupos secundários deste ensaio.

Subgrupo de 2.139 pacientes com diabetes:

- **Desfecho primário:** 20% vs. 25,5% (razão de risco [HR] 0,75; IC 95% 0,63-0,9)

Morte cardiovascular: 11,3% vs. 13,9% (HR 0,79; IC 95% 0,63–1,01)

Piora da insuficiência cardíaca: 13,2% vs. 16,5% (HR 0,77; IC 95% 0,61–0,95)

Morte por todas as causas: 13,3% vs. 16,7% (HR 0,78; IC 95% 0,63–0,97)

Eventos adversos renais: 8,5% vs. 8,7% (sem valor de p reportado)

Depleção volêmica: 7,8% vs. 7,8% (sem valor de p reportado)

Subgrupo de 2.605 pacientes sem diabetes:

- **Desfecho primário:** 13,2% vs. 17,7% (HR 0,73; IC 95% 0,6–0,88)

Morte cardiovascular: 8,2% vs. 9,6% (HR 0,85; IC 95% 0,66–1,1)

Piora da insuficiência cardíaca: 7,3% vs. 11,5% (HR 0,62; IC 95% 0,48–0,8)

Morte por todas as causas: 10,2% vs. 11,6% (HR 0,88; IC 95% 0,7–1,12)

Eventos adversos renais: 4,8% vs. 6% (sem valor de p reportado)

Depleção volêmica: 7,3% vs. 6,1% (sem valor de p reportado)

- Posologia: 10 mg por via oral, uma vez ao dia. O uso é contraindicado em pacientes em diálise.
- Efeitos adversos (em 5%): infecções genitais micóticas em mulheres, nasofaringite e infecções do trato urinário.
- Advertências incluem (mas não se limitam a): risco de depleção volêmica, particularmente em pacientes idosos com insuficiência renal ou pressão arterial sistólica baixa, e em pacientes em uso de diuréticos.
- É necessário orientar pessoas com potencial reprodutivo sobre o risco potencial para o feto, especialmente durante o segundo e terceiro trimestres de gestação.

Sacubitril/Valsartana:

- Indicação: Substituir IECA (ou ARA II) por sacubitril/valsartana (comprimidos de 50, 100 e 200 mg) em pacientes adultos com idade inferior a 75 anos, classe funcional NYHA II, FEVE reduzida (<35% segundo PCDT, ou 40% segundo SBC), níveis de BNP > 150 pg/mL ou NT-proBNP > 600 pg/mL, em tratamento otimizado e que permaneçam sintomáticos.
- Período de "Washout": Aguardar pelo menos 36 horas após a última dose de IECA antes de iniciar sacubitril/valsartana.
- Titulação: Iniciar com dose baixa (50mg duas vezes ao dia, ou 100mg duas vezes ao dia se uso prévio de altas doses de IECA/ARA II e PA > 100 mmHg) e aumentar progressivamente a cada 2-4 semanas até a dose-alvo (200mg duas vezes ao dia).
- Monitoramento: Realizar monitoramento da função renal, eletrólitos e hipotensão durante a titulação.
- Prescrição Inicial: A prescrição inicial deve ser realizada preferencialmente por médico especialista.
- NÃO usar concomitantemente com IECA ou outro ARA II.

- NÃO usar em pacientes com história de angioedema.
- Associação ou Substituição: Se o paciente em uso de dapagliflozina permanecer sintomático e atender aos critérios de inclusão para sacubitril/valsartana, associar dapagliflozina com sacubitril/valsartana ou substituir dapagliflozina + IECA/ARA II por sacubitril/valsartana.

Hidralazina e Nitrato de Isossorbida:

• Indicação: Considerar a associação de hidralazina e dinitrato de isossorbida para pacientes sintomáticos (NYHA II-IV) com contraindicação ou intolerância a IECA/ARA II (insuficiência renal e/ou hipercalemia). É especialmente preconizada na população negra com NYHA III-IV, apesar de terapia otimizada. Também para pacientes refratários à terapia otimizada, independente da raça.

Recomendações da AHA/ACC/HFSA para a combinação de hidralazina + dinitrato de isossorbida

Em pacientes com IC com fração de ejeção reduzida (HFrEF), sintomáticos atuais ou prévios, que não são candidatos a agentes de primeira linha (como ARNI, inibidores da ECA ou BRAs) devido à intolerância medicamentosa ou insuficiência renal, considerar a combinação hidralazina/dinitrato de isossorbida para reduzir morbidade e mortalidade. (Classe 2b, Nível C-LD – AHA/ACC/HFSA)

Em pacientes autoidentificados como negros, que estejam recebendo terapia médica otimizada e apresentem HFrEF classe III-IV da NYHA, administrar a combinação hidralazina + dinitrato de isossorbida para melhora dos sintomas e redução da morbidade e mortalidade.

(Classe 1, Nível A – AHA/ACC/HFSA)

Em pacientes com IC com fração de ejeção reduzida (HFrEF), sintomáticos atuais ou prévios, que não são candidatos a ARNI, IECA ou BRA devido à intolerância ou insuficiência renal, considerar a combinação hidralazina + dinitrato de isossorbida para reduzir morbidade e mortalidade.

(Classe 2b, Nível C-LD – AHA/ACC/HFSA)

Posologia recomendada:

• Comprimido em dose fixa combinada: Hidralazina 37,5 mg + dinitrato de isossorbida 20 mg VO 3x/dia inicialmente. Máximo: hidralazina 75 mg + dinitrato de isossorbida 40 mg VO 3x/dia

Formulações separadas: Hidralazina 25–50 mg VO 3x/dia (ou 1x/dia); Dinitrato de isossorbida 20–30 mg VO 3x/dia (ou 1x/dia) inicialmente. Máximo: hidralazina 100 mg VO 3x/dia + dinitrato de isossorbida 40 mg VO 3x/dia

Digoxina:

- Indicação: Utilizar para pacientes que permanecem sintomáticos apesar do tratamento otimizado com terapia tripla (IECA/ARA II ou sacubitril/valsartana, betabloqueador, antagonista da aldosterona).
- Cautela: Usar com cautela em pacientes com função renal alterada, baixo peso e idosos; iniciar com doses baixas e ajustar de acordo com a sintomatologia e dosagem sérica.
 NÃO usar em disfunção de VE assintomática ou ICFEp em ritmo sinusal.

IV - Monitorização e Acompanhamento Contínuo

Monitorização Clínica Regular:

- Realizar avaliação ambulatorial na APS para monitorar a resposta terapêutica e identificar necessidades de ajuste no tratamento medicamentoso e orientações para o autocuidado.
- Monitorar sinais e sintomas de congestão e peso corporal regularmente. Informar o paciente sobre a importância da auto-monitorização.
- Reavaliar os sintomas quatro semanas após a otimização da dose do último fármaco.

Monitorização Laboratorial Regular:

• Monitorar periodicamente a função renal e os eletrólitos (potássio), especialmente durante o início ou ajustes de dose de IECA/ARA II, ARMs e sacubitril/valsartana.

Avaliação da Adesão Terapêutica:

 Verificar regularmente se o paciente está aderindo ao uso dos medicamentos conforme prescrito e identificar e abordar quaisquer dificuldades na adesão. Utilizar ferramentas como lembretes e visitas domiciliares.

Reavaliação da Fração de Ejeção do Ventrículo Esquerdo (FEVE):

Considerar a realização de um novo ecocardiograma 3 a 6 meses após o início do tratamento com medicações que modificam o prognóstico, para avaliar o remodelamento reverso e reestratificação prognóstica.

• NÃO realizar ecocardiograma de forma rotineira em intervalos predefinidos em pacientes com IC controlada, exceto quando houver mudança significativa no estado clínico.

Telemonitoramento:

 Considerar o telemonitoramento por suporte telefônico para pacientes com maior risco de desestabilização (ex: após alta hospitalar, com classe funcional NYHA III ou IV, ou com dificuldade de locomoção). As orientações devem ser realizadas por profissionais qualificados e individualizadas.

V - Critérios de Encaminhamento para Atenção Especializada ou Emergência

Encaminhamento para Serviço Especializado (Corresponsabilidade com a APS):

- Classe Funcional: Pacientes com classe funcional NYHA II que atendem aos critérios para início de sacubitril/valsartana sódica hidratada (especialista para prescrição inicial). Pacientes com classe funcional NYHA III e IV, apesar de tratamento clínico otimizado com doses maximamente toleradas dos medicamentos padrão (IECA/ARA II, betabloqueador e espironolactona).
- Histórico de Internação: Pacientes com episódio de internação hospitalar devido à IC descompensada no último ano.
- Dúvida Diagnóstica/Investigação: Suspeita de insuficiência cardíaca sem possibilidade de investigação com ecocardiografia ou peptídeo natriurético cerebral.
- Terapia Avançada: Pacientes com disfunção cardíaca grave, sintomáticos com terapia otimizada, que podem ser candidatos a dispositivos (terapia de ressincronização cardíaca TRC, cardiodesfibrilador implantável CDI) ou transplante cardíaco. (transplante cardíaco merece um capítulo à parte, com descrição de critérios de encaminhamento, de "quando suspeitar se meu paciente precisa ser encaminhado para transplante cardíaco" e definição de que pacientes não se beneficiarão de transplante.
- Arritmias Complexas: Pacientes com IC que apresentam fibrilação atrial (para avaliação em serviço especializado com acompanhamento concomitante na APS). Pacientes com indicação de dispositivos de estimulação elétrica (marca-passo, CDI) ou TRC.

Encaminhamento para Serviço de Emergência:

- IC Aguda/Descompensada: Pacientes com suspeita de IC aguda ou com IC crônica com descompensação aguda. (precisamos definir critérios de gravidade que impliquem no encaminhamento direto à urgência.
- Instabilidade Hemodinâmica: Pacientes com IC com sinais de hipoperfusão (ex: oligúria, cianose, diaforese, hipotensão), síncope ou piora recente e significativa de sintomas e sinais de congestão.

VI - Documentação e Registro

• Registro Completo no Prontuário: Documentar todas as informações clínicas (anamnese, exame físico, classe NYHA), diagnósticos diferenciais, resultados de exames, plano de tratamento (farmacológico e não-farmacológico), orientações fornecidas, adesão do paciente e discussões compartilhadas no prontuário.

Informações visualizadas

Educação Médica Continuada

Doença renal crônica

Relevância

Definição clínica

Critérios de inclusão de pacientes

Neste momento, apenas informações provenientes dos CIDs registrados são usadas para definir paciente com DRC.

CIDs - I120, I131, N032, N033, N034, N035, N036, N037, N052, N053, N054, N055, N056, N057, N18, N19, N250, Z490, Z491, Z492, Z940, Z992

Informações visualizadas

Educação Médica Continuada

Multimorbidade

Multimorbidade é a condição crônica mais prevalente em sociedades desenvolvidas. Multimorbidade é definida pelo acúmulo de duas ou mais condições crônicas em um mesmo indivíduo. Esta situação vem frenquentemente acomapanhada de outra condição extremamente comum - a Polifarmácia. Utilizar cinco ou mais medicamentos cronicamente é a definição mais comumente aceita para polifarmácia.



Relevância



Definição clínica

Critérios de inclusão de pacientes

Informações visualizadas

Educação Médica Continuada

Polifarmácia

Polifarmácia refere-se ao uso simultâneo de múltiplos medicamentos por um mesmo paciente, geralmente definido como cinco ou mais fármacos em uso contínuo. Suas principais causas incluem o envelhecimento populacional, a multimorbidade (presença de várias doenças crônicas), a fragmentação do cuidado entre diferentes especialistas, a automedicação e a pressão do mercado farmacêutico. Polifarmácia é um problema por si só e médicos de família precisam estar atentos para suas consequências, que incluem risco aumentado de interações medicamentosas, efeitos adversos, quedas, declínio cognitivo e diminuição da adesão ao tratamento. Para as famílias, isso pode significar maior sobrecarga no manejo dos medicamentos, aumento dos custos pessoais e impacto na qualidade de vida. O sistema de saúde também sofre impactos da polifarmácia, pois está associada ao aumento das hospitalizações evitáveis, maior tempo de internação, maior risco de readmissões e elevação dos gastos em saúde, tanto pelo custo direto dos medicamentos quanto pelo tratamento de complicações decorrentes.

Iniciativas para minimizar o impacto da polifarmácia incluem ferramentas e critérios clínicos auxiliam na revisão de prescrições e o uso racional de medicamentos. São elas:

- Critérios de Beers (American Geriatrics Society): lista de medicamentos potencialmente inapropriados para idosos.
- Critérios STOPP/START (Screening Tool of Older Persons' Prescriptions / Screening Tool to Alert to Right Treatment): identificam medicamentos potencialmente inapropriados (STOPP) e omissões de tratamentos necessários (START).
- Medication Appropriateness Index (MAI): instrumento que avalia adequação da prescrição considerando indicação, efetividade e segurança.

A implementação de revisões periódicas da prescrição, apoio farmacêutico nas equipes de saúde, protocolos de desprescrição e educação de pacientes e familiares são estratégias fundamentais para reduzir os riscos da polifarmácia.

Referências

American Geriatrics Society 2019 Updated AGS Beers Criteria® for Potentially Inappropriate Medication Use in Older Adults. J Am Geriatr Soc. 2019;67(4):674–694.

O'Mahony D, et al. STOPP/START criteria for potentially inappropriate prescribing in older people: version 2. Age Ageing.2015;44(2):213–218.

Hanlon JT, Schmader KE. The Medication Appropriateness Index at 20: where it started, where it has been, and where it may be going. *Drugs Aging*. 2013;30(11):893–900.

Scott IA, Hilmer SN, Reeve E, et al. Reducing inappropriate polypharmacy: the process of deprescribing. *JAMA Intern Med*.2015;175(5):827–834.

Definição clínica

Vamos trabalhar com 5 ou mais medicações de uso crônico. Precisaremos definir a lista de medicamentos prescritos a partir da REMUME.

Critérios de inclusão de pacientes

POr ora estamos criando os códigos a partir dos Critérios STOPP/START.

Informações visualizadas

Educação Médica Continuada

Fragilidade em idosos

Relevância

Definição clínica

Critérios de inclusão de pacientes

Informações visualizadas

Educação Médica Continuada

Pílulas Síndrome Coronariana Crônica

Você sabe qual é a melhor forma de prescrever o nitrato para o seu paciente com angina?

Você tem algum paciente com angina e que está usando nitrato de 8 em 8 horas? Caso tenha, está sujeitando seu paciente ao fenômeno da tolerância (redução da responsividade vascular aos nitratos e de sua eficácia antianginosa), problema que ocorre com uso crônico de nitratos de ação prolongada.²

Como minimizar esse fenômeno?

Basta tomar os cuidados a seguir na hora da prescrição:

- O Mononitrato de Isossorbida 20 mg (disponível nas farmácias das Clínicas da Família) tem posologia habitual de: meio a 1 comprimido, 2 a 3 vezes ao dia¹.
- A terapia intermitente com um intervalo adequado livre de nitrato é uma abordagem razoável para prevenir a tolerância². Devendo-se estimular um intervalo livre da medicação de 10 a 12 horas para evitar o fenômeno de taquifilaxia³
- Para melhor adaptação, iniciar o tratamento com pequenas doses e aumentá-las progressivamente, de acordo com a resposta terapêutica e a tolerabilidade¹ (efeitos colaterais comuns: hipotensão, cefaleia, rubor)².

Exemplo prático: Pode-se iniciar com 5 mg e aumentar para pelo menos 10 mg no segundo ou terceiro dia. Possíveis horários de tomadas às 8h e 16h; ou às 8h, 13h e 18h.³

Atenção:

- Doses maiores que 20 mg duas vezes ao dia não foram adequadamente estudadas.
- A duração da eficácia antianginosa além de 14 horas não foi estudada.
- Embora minimizada, a tolerância pode ocorrer até certo ponto.

IMAGEM INFOGRÁFICO DAS HORAS DE TOMADA - ainda em confecção.

1) MONOCORDIL. Bula. Laboratórios Baldacci S.A., 2008. Disponível em: https://www.saudedireta.com.b.

- 2) ESC Guidelines for the management of chronic coronary syndromes 2024
- 3) SOCERJ Manual Síndrome Coronariana Crônica 2021

4)	Product Information: Isosorbide mononitrate oral tablets, isosorbide mononitrate oral tablets. Teva Pharmaceuticals (per DailyMed), Parsippany, NJ, 2022

Pílulas para Insuficiência Cardíaca

Você sabe ajustar a dose de diurético dos pacientes com IC de forma segura?

Lembretes: • Você sabia que nem todo paciente com IC precisa usar diurético? • Os diuréticos devem ser utilizados sempre que há necessidade de controle volêmico, e devem ser ajustados sempre que houver sinais de congestão ou hipovolemia. • Sempre defina e registre o peso-alvo (peso seco). • Monitore função renal e potássio após mudanças significativas.

Checklist de ação: • Verifique: peso (ganho 2 kg em 3–5 dias), edema, dispneia, crepitação. • Se congesto → aumente furosemida (pode dobrar a dose, respeitando máximo ambulatorial de 240 mg/dia, dividida em 1–2 tomadas). • Após melhora da congestão → retorne à menor dose eficaz; reduza ou suspenda se houver hipotensão ou sinais de hipovolemia. • Se refratário → associe tiazídico (ex.: hidroclorotiazida 25–50 mg/dia), sempre monitorando sódio, potássio e creatinina. • Solicite creatinina e potássio em até 7 dias após o ajuste. • Eduque: peso diário em casa, sinais de alerta (dispneia em repouso, tontura, câimbras).

Referência: • Diretriz Brasileira de Insuficiência Cardíaca Crônica e Aguda – SBC, 2022. • PCDT Insuficiência Cardíaca – Ministério da Saúde, 2022

Será que você não está deixando passar pacientes com IC?

Lembretes: Nem sempre o paciente com IC apresenta a "dispneia típica" ou está em NYHA III–IV. Dispneia, fadiga ou edema podem ser atribuídos a "envelhecimento", "sobrepeso" ou "varizes". Pacientes com DPOC, DAC ou FA frequentemente escondem IC "por trás" dos sintomas. Identificar cedo muda prognóstico: IC tratada precocemente evolui melhor.

Checklist de ação: Dispneia aos esforços que não melhora com broncodilatador. Ortopneia leve ou dispneia paroxística noturna, mesmo em pacientes sem asma. Edema de membros inferiores em pacientes sem diagnóstico de insuficiência venosa claro. Histórico de infarto ou DAC, mesmo sem dispneia importante. Presença de FA em paciente com fadiga ou intolerância ao exercício. Idoso com "cansaço" ou redução da capacidade funcional sem explicação evidente.

Referências: MACHADO, G. D. B. et al. Insuficiência cardíaca com fração de ejeção preservada: fisiopatologia e manejo. 2015. CESTARI, V. R. F. et al. Spatial Distribution of Mortality for

Heart Failure in Brazil, 1996–2017. Arq Bras Cardiol, 2022. PCDT Insuficiência Cardíaca – Ministério da Saúde, 2022. Diretriz Brasileira de Insuficiência Cardíaca Crônica e Aguda – SBC, 2022.

Quais pacientes na sua lista têm maior risco de IC?

Lembretes: Muitos pacientes ainda não têm sintomas típicos de IC, mas carregam alto risco de desenvolvê-la. HAS de longa duração e mal controlada é a principal causa de IC no Brasil. DAC, FA, obesidade, DRC e DM são grandes "alimentadores" da IC. Rastrear risco permite iniciar prevenção e vigilância antes da descompensação.

Checklist de ação (quem merece atenção especial no prontuário): Pacientes hipertensos de longa data, sobretudo se já usam 3 anti-hipertensivos. Diabéticos tipo 2 com mais de 10 anos de doença. Portadores de DAC (IAM prévio, angina, revascularização). Portadores de FA, mesmo assintomáticos. Portadores de DRC (TFG $< 60 \text{ mL/min}/1,73 \text{ m}^2$). Pacientes obesos com IMC 30 e/ou apneia obstrutiva do sono. Anemia crônica ou DPOC com internações frequentes.

Referências: MACHADO, G. D. B. et al. Insuficiência cardíaca com fração de ejeção preservada: fisiopatologia e manejo. 2015. Diretriz Brasileira de Insuficiência Cardíaca Crônica e Aguda – SBC, 2022. PCDT Insuficiência Cardíaca – Ministério da Saúde, 2022.

Você está usando betabloqueador de forma eficaz no seu paciente com IC?

Lembretes: Nem todo betabloqueador serve: apenas carvedilol, metoprolol succinato e bisoprolol têm benefício comprovado de redução de mortalidade na IC A dose inicial é sempre baixa e deve ser titulada lentamente até a dose alvo ou máxima tolerada. A melhora clínica pode levar semanas a meses — não suspenda abruptamente, há risco de descompensação.

Checklist de ação: Inicie apenas se paciente estiver clinicamente estável (sem congestão ou uso recente de altas doses de diurético EV). Escolha a droga correta: Carvedilol: iniciar 3,125 mg $2x/dia \rightarrow dobrar$ a cada 2–4 semanas até 25 mg 2x/dia (máx. 50 mg 2x/dia se > 85 kg). Bisoprolol: iniciar 1,25 mg/dia \rightarrow dobrar a cada 2–4 semanas até 10 mg/dia. Metoprolol succinato: iniciar 12,5–25 mg/dia \rightarrow dobrar a cada 2–4 semanas até 200 mg/dia. Inicie na dose mínima e dobre a cada 2–4 semanas se tolerado. Monitore sempre: PA, FC, sintomas. Reduza dose se: PA < 90 mmHg com sintomas, FC < 50 bpm ou fadiga/tontura intensa. Reintroduza após estabilização, sempre na menor dose eficaz.

Referências: Diretriz Brasileira de IC – SBC, 2022. PCDT IC – Ministério da Saúde, 2022.

Todo paciente com ICFEr deve usar IECA, e o seu?

Lembretes: IECA reduzem mortalidade e hospitalizações em ICFEr. Devem ser iniciados em todos os pacientes com ICFEr, salvo contraindicação. Tosse seca pode ocorrer → substitua por BRA (losartana, valsartana, candesartana) se intolerância.

Checklist de ação: Confirme se paciente tem ICFEr (<40% FEVE). Inicie com baixa dose: Enalapril: 2,5–5 mg 2x/dia \rightarrow até 10–20 mg 2x/dia. Captopril: 6,25 mg 3x/dia \rightarrow até 50 mg 3x/dia. Ramipril: 2,5 mg/dia \rightarrow até 10 mg/dia. Titule a cada 1-2 semanas até a dose alvo ou máxima tolerada. Monitore creatinina e potássio em até 7–14 dias após cada ajuste. Reduza ou suspenda se: creatinina $\uparrow > 30\%$ do basal, K+ > 5,5 mEq/L, PA < 90 mmHg sintomática. Sempre retorne à menor dose eficaz após resolução dos efeitos

Referências: Diretriz Brasileira de IC – SBC, 2022. PCDT IC – Ministério da Saúde, 2022.

Você sabe quando indicar espironolactona no paciente com IC?

Lembretes: É indicada para pacientes com ICFEr sintomática (NYHA II–IV) já em uso de IECA/ARNI + betabloqueador. Reduz mortalidade e hospitalizações. Cuidado: risco de hipercalemia e piora da função renal. Cuidado com ginecomastia

Checklist de ação: Pré-requisitos: creatinina < 2,5 mg/dL (homens) ou < 2,0 mg/dL (mulheres) e K+ < 5,0 mEq/L. Dose: iniciar 12,5–25 mg/dia, podendo aumentar até 50 mg/dia. Monitore: creatinina e potássio em 3–7 dias, depois em 1 mês, e a cada 3 meses. Reduza ou suspenda se: K+ 5,5 mEq/L ou creatinina \uparrow progressivamente. Evite associar a AINEs e altas doses de IECA/BRA.

Referências: Diretriz Brasileira de Insuficiência Cardíaca Crônica e Aguda – SBC, 2022. PCDT IC – Ministério da Saúde, 2022.

Seu paciente com IC já está recebendo Dapagliflozina?

Lembretes: Benefício independente do diabetes: reduzem mortalidade e hospitalizações em ICFEr. Efeito diurético leve \rightarrow pode ajudar no controle de volume. Bem tolerados, baixo risco de hipoglicemia. Cuidado com infecção urinária

Checklist de ação: Indicação: todos os pacientes com ICFEr sintomática (NYHA II–IV), mesmo sem DM. Drogas e doses: Dapagliflozina 10 mg/dia. Empagliflozina 10 mg/dia. Não precisa titular dose! Avaliar função renal: iniciar se TFG 20–25 mL/min/1,73 m² (drogadependente). Monitorar: sintomas de infecção urinária/genital, PA e função renal. Suspender temporariamente em casos de desidratação, jejum prolongado ou cirurgia.

Referências: Diretriz Brasileira de Insuficiência Cardíaca Crônica e Aguda – SBC, 2022. PCDT IC – Ministério da Saúde, 2022.

Você sabe diferenciar ICFEr de ICFEp?

Lembrete: A IC pode se apresentar de formas distintas: com fração de ejeção reduzida (ICFEr) ou preservada (ICFEp). Os sintomas costumam ser parecidos, mas o diagnóstico e o tratamento diferem. Reconhecer a diferença evita condutas ineficazes.

Checklist de ação: Definição pelo ECO: Classifique como ICFEr se FEVE < 40%. Classifique como ICFEp se FEVE 50% + disfunção diastólica ou sinais indiretos (hipertrofia VE, aumento AE, BNP elevado). Compare sintomas: Identifique dispneia, fadiga e edema. ICFEr: geralmente mais evidente, intolerância maior ao esforço. ICFEp: pode ser sutil, muitas vezes confundida com envelhecimento, DPOC ou obesidade. Tratamento: Trate ICFEr com medicamentos modificadores de prognóstico (IECA/BRA/INRA, BB, ARM, SGLT2i). Trate ICFEp focando no controle de comorbidades (HAS, DM, obesidade, FA, DRC) e alívio de sintomas (diurético apenas se congesto). Sempre registre: fração de ejeção e diagnóstico (ICFEr ou ICFEp).

Referências: PCDT Insuficiência Cardíaca – Ministério da Saúde, 2022. Diretriz Brasileira de Insuficiência Cardíaca Crônica e Aguda – SBC, 2022

ICFEp: quando desconfiar e o que fazer na APS

Lembretes: A ICFEP é mais comum em idosos, mulheres e hipertensos. É subdiagnosticada porque os sintomas são inespecíficos. Detectar cedo e controlar comorbidades melhora evolução.

Checklist de ação

- Suspeite de ICFEP: Considere em idosos, hipertensos, diabéticos, obesos, FA ou DRC.
- Valorize dispneia aos esforços, ortopneia, edema de MMII e fadiga. Revise internações prévias por "falta de ar" sem diagnóstico definido.
- Cheque exames no prontuário: Confirme FEVE 50% no ECO com hipertrofia VE ou aumento AE.
- Verifique BNP/NT-proBNP elevados. Conduza na APS: Controle rigorosamente PA e FC. Trate DM, obesidade e FA.
- Prescreva diurético apenas se houver congestão.
- Oriente perda de peso, redução de sal e prática de atividade física regular.

• Registre no prontuário: classifique como ICFEP se critérios forem atendidos.

Referências: Machado GDB, Santos CRC, Canevese FF, et al. Insuficiência cardíaca com fração de ejeção preservada: fisiopatologia e manejo. 2015. Diretriz Brasileira de Insuficiência Cardíaca Crônica e Aguda – SBC, 2022.

Você sabe reconhecer os perfis clínicos de IC descompensada (ABLC)?

Lembretes: Os perfis ABLC ajudam a identificar rapidamente o tipo de descompensação na IC. Cada perfil exige condutas iniciais distintas. Reconhecer o perfil acelera o manejo e reduz mortalidade.

Checklist de ação: Perfil A (quente e seco) – Agudo congesto: Identifique dispneia súbita, congestão pulmonar intensa, pressão arterial elevada. Inicie vasodilatador (se PA permitir), diurético EV, oxigênio. Perfil B (quente e úmido) – Bradi: Suspeite em bradicardia sintomática (< 50 bpm) com tontura ou síncope. Suspenda betabloqueador, avalie necessidade de marcapasso temporário. Perfil L (frio e seco) – Lenti (baixo débito): Observe fadiga intensa, extremidades frias, PA baixa sem congestão evidente. Inicie suporte com inotrópico (em nível hospitalar). Perfil C (frio e úmido) – Choque cardiogênico: Reconheça hipotensão sustentada, hipoperfusão, oligúria, confusão mental. Aja rápido: referencie imediatamente para UTI, suporte vasopressor e inotrópico.

Referências: Diretriz Brasileira de Insuficiência Cardíaca Crônica e Aguda – SBC, 2022. Aula ICC 2023 – Sociedade Brasileira de Cardiologia.